

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**CAIO SANTOS MARCELLO**

**UM PORNÔ QUE FALA - A PORNOGRAFIA, O YOUTUBE E OS DISCURSOS**

**CURITIBA**

**2020**

CAIO SANTOS MARCELLO

UM PORNÔ QUE FALA - A PORNOGRAFIA, O YOUTUBE E OS DISCURSOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para o curso de Comunicação Social, habilitação em Relações públicas, do Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Dra. Virginia Lemos Leal

CURITIBA

2020



Caio Santos Marcello

UM PORNÔ QUE FALA - A PORNOGRAFIA, O YOUTUBE E OS DISCURSOS

Este trabalho foi julgado adequado para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas e aprovado em sua forma final pela Banca Examinadora.

Curitiba, 17 de Dezembro de 2020

**Banca Examinadora:**

---

Virginia Lemos Leal – Orientadora  
Universidade Federal do Paraná

---

José Carlos Fernandes  
Universidade Federal do Paraná

---

Bruno Bohomoletz de Abreu Dallari  
Universidade Federal do Paraná

*“Beauty: it curves, curves are beauty.  
Shapely goddesses, Venus, Juno: curves the world  
admires”  
(James Joyce)*

*“Bringer of nocturnal light  
Grant us the powers of the eyeless sight  
Unveil thyself our obscene queen  
And cleanse us with the black flames of your beauty”  
(Jon Nödtveidt)*

## RESUMO

Historicamente, a pornografia não foi um objeto amplamente explorado pelos estudos de comunicação social ou estudos culturais. A pornografia, apesar de consumida em larga escala, não enseja estudo suficiente para fomentar um debate mais amplo. O alcance das pesquisas feitas tem sido pequeno, e a sincronia com relação à velocidade de disseminação e adaptabilidade da pornografia tem sido pouca. Em razão desta falta, muitos fenômenos comunicacionais e culturais que tangem a pornografia não são investigados. Um destes fenômenos, que surgiu há alguns anos, é o fato de profissionais do pornô se posicionarem nas mídias sociais e discutirem vários assuntos enquanto ganham espaço como produtores de conteúdo. Com isto em vista, o seguinte trabalho de pesquisa tem como objetivo investigar o conteúdo criado para o Youtube por atrizes do ramo da pornografia com o intuito de analisar os discursos que estão presentes ao se adequar este conteúdo ao meio. Portanto, serão analisados os canais no Youtube de diversas atrizes, de modo a dar uma visão abrangente sobre este fenômeno novo. Pretende-se, assim, construir um panorama para contribuir com futuras discussões sobre a pornografia e seus temas adjacentes. Para tanto, conta-se com o arcabouço teórico da análise de discurso, com vistas a melhor mapear aquilo que está sendo dito por estes produtores de conteúdo que habitam dois lugares ao mesmo tempo (Pornô e Youtube), bem como com uma revisão bibliográfica sobre o tema da pornografia.

**Palavras-chave:** Pornô. Youtube. Análise de Discurso.

## ABSTRACT

Pornography has not been an object of study widely approached by social communication studies, nor by culture studies. Pornography, in spite of being largely consumed, is not able to bring forth an open debate about itself based on the studies conducted so far. The impact of the research done thus far has been low, and the synchronicity with regards to the dissemination and adaptability of pornography have been little. As a consequence, many communicational and cultural phenomena, which relate to pornography, are not thoroughly investigated. One of these phenomena, which appeared recently, is the fact that porn professionals have been positioning themselves on social media and, more so, have been discussing many subjects while they obtain recognition as content producers. With this in mind, the following research seeks to investigate the content created for Youtube, by porn actresses, while aiming to analyze the discourses present in rendering this content to this specific medium. Thus, the Youtube channels of five actresses will be analyzed with the intent of constituting a wider view of this new phenomenon. The intention, moreover, is to constitute an overview in order to contribute with future discussions regarding pornography and adjacent topics. As such, the present research relies on the theoretical framework of discourse analysis, with the aim of better mapping that which is being said by these content producers, as well as on a bibliographic review of the studies on pornography

**Keywords:** Porn. Youtube. Discourse Analysis.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Achille Deveria .....	20
Figura 2 - Fotografias de Robert Mapplethorpe.....	21
Figura 3 - Cartaz promocional do filme Ninfomaníaca.....	23
Figura 4 - Página no Youtube do canal “Às Claras” .....	48
Figura 5 - Página no Youtube do canal “QG da Dread” .....	55
Figura 6 - Página no Youtube do canal “Mel Fire” .....	64
Figura 7 - Página no Youtube do canal “Barbaridade Nerd” .....	69
Figura 8 - Página no Youtube do canal "Emme White" .....	75



**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Número de visualizações e de inscritos nos canais analisados .....46

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2.</b>	<b>A PORNOGRAFIA .....</b>	<b>16</b>
2.1	POR QUE O PORNÔ? .....	16
2.2	O PORNÔ, UMA DEFINIÇÃO IMPOSSÍVEL.....	18
2.3	O PORNÔ ENQUANTO OBJETO .....	25
2.4	INTERSEÇÃO PORNOGRAFIA YOUTUBE.....	28
<b>3.</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>32</b>
3.1	ESCOLA FRANCESA DE ANÁLISE DE DISCURSO.....	32
3.2	ANÁLISE DO DISCURSO: CONCEITOS .....	35
3.3	ANÁLISE DE DISCURSO E COMUNICAÇÃO .....	39
3.4	INTERFACE COM A PSICANÁLISE .....	40
<b>4.</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>44</b>
<b>5.</b>	<b>ANÁLISES E DISCUSSÃO .....</b>	<b>48</b>
5.1	CLARA AGUILAR .....	48
5.2	QG DA DREAD.....	55
5.3	MEL FIRE .....	64
5.4	BARBARIDADE NERD .....	69
5.5	EMME WHITE .....	75
5.6	DISCUSSÃO.....	80
<b>6.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>87</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>91</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O mundo da pornografia, comumente abreviado como pornô, é alvo de muitas controvérsias. São muitas as críticas sobre os males que a pornografia e sua indústria<sup>1</sup> ensejam quanto à exploração material e simbólica da mulher, bem como as críticas as suas construções no âmbito do imaginário. A exemplo, a ONG conservadora NCOSE (*National Center On Sexual Exploitation*), presente no ativismo anti-pornográfico desde 1960, compilou dados a respeito da pornografia em 2017<sup>2</sup> e atestou problemas como o impacto similar ao de uma droga no cérebro, o incentivo a violência contra a mulher, a maior disseminação de doenças sexualmente transmissíveis e o consumo entre jovens menores de 18 anos.

Muito presente também são os anos de ativismo feminista no embate com a pornografia. Pode se remeter ao feminismo desde sua vertente mais radical na figura da ativista Andrea Dworkin, com suas importantes exposições no *Meese Report* em 1986 (documento que compila as informações de uma investigação feita sobre a pornografia por um comitê designado pelo então presidente Ronald Regan) e também na criação do grupo ativista *Women Against Pornography*. Pensa-se também, até, nas discussões mais filosóficas e interdisciplinares como na elaboração do conceito de *Male Gaze*<sup>3</sup> no trabalho da professora de filmologia Laura Mulvey. De certo modo, entende-se que a crítica à pornografia antecede uma análise do pornô enquanto objeto de estudo. A crítica ao mercado que explora sujeitos e seus corpos na produção de imagens, as críticas à ideia de pornografia, a crítica ao consumo e aos que consomem a pornografia, são todos exemplos de considerações que existem antes de se constituir um debate mais amplo.

A pornografia passa, enquanto produto, também por um processo histórico e por muitas variáveis econômicas, sociais, políticas, culturais e psicológicas no que tange sua produção, veiculação, representação, bem como seu consumo. Uma discussão possível precisa levar em conta estes fatos, bem como tudo aquilo que

---

<sup>1</sup> Mais especificamente a indústria cinematográfica da pornografia e os sites de hospedagem e produção de conteúdo pornográfico.

<sup>2</sup> <https://endsexualexploitation.org/publichealth/>

<sup>3</sup> Conceito desenvolvido por Laura Mulvey no contexto dos estudos fílmicos. O conceito diz respeito a uma aplicação da teoria psicanalítica de Sigmund Freud e Jacques Lacan, mais especificamente a ideia de Escopofilia, um prazer ou desejo de olhar, que é entendido como presente na produção cinematográfica à partir, majoritariamente, de um olhar masculino.

precede a veiculação, como por exemplo, a produção, a concepção e os meios nos quais o pornô é veiculado. Isto cria um ambiente vasto para diversas interseções que são inicialmente pouco exploradas, talvez num primeiro instante por certo tabu ainda presente ao se abordar o tema, mas também por uma distância quanto à pornografia como objeto de estudo digno de análise rigorosa por si só, de modo que temos muitos estudos com amplo alcance que dizem respeito à natureza do erótico, à historiografia do libertino e seus desdobramentos, ao imaginário sobre o sexo, as representações do sexo na cultura, sobre a objetificação e até a uma investigação das relações com um objeto (sexual) no âmbito da psicanálise, mas em comparação os estudos feitos sobre a pornografia acabam por constituírem um nicho de estudo específico, por sua vez, com pouco alcance. Independente de colocar um juízo de ordem moral para o assunto, a constatação de que o pornô existe é inegável. A constatação de que ele é consumido por bilhões de pessoas em todos os cantos do mundo também<sup>4</sup>. Isto já expõe, de antemão, a necessidade de uma discussão maior e com mais rigor sobre o assunto.

De maneira corriqueira, na atualidade, o pornô configura uma figura abstrata no imaginário. Pode-se pensar num primeiro instante nas grandes produtoras como Brazzers<sup>5</sup> e Brasileirinhas<sup>6</sup>, no entanto, a produção de conteúdo pornográfico não se limita a isso. Houve mudança de meio ao longo do tempo desde os primórdios com fotos preto e branco, até os filmes em VHS e DVD e por último o conteúdo online. Este último também sofreu diversas mudanças ao longo dos anos, passando por páginas com apenas imagens, depois para sites com vídeos curtos, e aos poucos para os sites que hospedam conteúdo pornô diverso como Xvideos e Pornhub. Dentro dessas transições temos inúmeras mudanças tecnológicas. Existem mudanças quanto à filmagem que buscam cada vez mais fidedignidade quanto à imagem e a experiência oriunda do contato com essa imagem, chegando ao ponto de existir hoje até produções de realidade virtual. Existem também mudanças quanto aos temas das produções que se tornaram cada vez mais específicas (paródias de

---

<sup>4</sup> <https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>

<sup>5</sup> Produtora Canadense criada em 2005 e que tem ampla participação no mercado enquanto especializada no gênero Hard-core.

<sup>6</sup> Produtora Brasileira criada em 1996 e que se consolidou no mercado com filmes Hard-core, e com participações de figuras já proeminentes em outras áreas como o ator Alexandre Frota (hoje deputado federal), as cantoras Gretchen e Rita Cadillac, bem como a atriz e apresentadora Leila Lopes.

filmes, paródias políticas, até literatura de cordel), e por fim, mudanças também nas plataformas com as quais se interage com os produtores de conteúdo adulto, o que por consequência significa adequar este mesmo conteúdo ao meio (seja ele qual for).

Este último fator possibilita a delimitação de um objeto de estudo para o comunicador social. Não de maneira exclusiva, mas como um objeto a ser também abordado através da comunicação. Como a pesquisadora e epistemóloga da comunicação Vera Veiga França coloca:

“Defendo assim que o objeto de estudo de uma ciência é a concepção que os pesquisadores deste campo desenvolvem sobre aquilo que eles vão recortar e analisar na realidade; o objeto de estudos da comunicação é uma ideia de comunicação, um conceito, com a ajuda do qual se pode distinguir e apreender, no campo do empírico, algo que chamamos e entendemos como comunicação.” (FRANÇA, 2016, p. 158)

Ao produzir um determinado conteúdo midiático e veiculá-lo utilizando linguagens específicas, tanto visuais quanto de fala, para um público, temos aí uma comunicação e, portanto, o nosso objeto de estudo. No entanto, o que se pretende estudar aqui é mais específico que o conteúdo adulto de forma geral e a interação com o público.

Desde o advento das mídias sociais se criou um espaço para interseções entre diversos tipos de conteúdo. Desde lojas de roupa com perfis no Instagram utilizando memes, políticos com Twitter e participação em comunidades de humor, até músicos com páginas de Facebook e suas *lives* interativas com os fãs. Estas interseções são repletas de mudanças na forma com que a comunicação é feita. O meio molda a mensagem, ou melhor: “O meio é a mensagem” (MCLUHAN, 2001, p. 18).

A comunicação a ser levada em conta neste trabalho, portanto, é aquela entre os profissionais do pornô, sejam da indústria pornográfica ou atrizes independentes como *Camgirls*<sup>7</sup>, e sua produção de conteúdo *mainstream* veiculado no Youtube. Ou seja, o que pessoas do mundo do entretenimento adulto produzem para o Youtube. Este fenômeno é razoavelmente recente. Até pouco tempo atrás o espaço para ouvir alguém do ramo da pornografia se dava em documentários e

---

<sup>7</sup> Amalgama de língua Inglesa que significa a junção de “Garota” e “Câmera”.

entrevistas diversas sobre o mundo da pornografia, ora com uma perspectiva crítica, ora com um ar de curiosidade sobre um mundo diferente e *underground*. De maneira mais descontraída havia também participações das pessoas do mundo adulto em séries, filmes e produções musicais, mas sempre como personagens e de forma mediada pela produção. Um exemplo antigo é a websérie veiculada no site Spike.com<sup>8</sup> nos anos 2008 chamada *James Gunn's PG Porn*, escrita e dirigida pelo diretor de cinema James Gunn (diretor de *Guardians of the Galaxy* e *Guardians of the Vol.2*), no qual atrizes pornô foram chamadas para fazer paródias dos seus próprios filmes adultos em um conteúdo sem nudez e puramente cômico.

De modo geral, podemos entender que por muito tempo o pornô, através de suas atrizes e seus atores, não “falava”. Salvo em contextos paródicos ou enquadramentos randômicos, a pornografia foi por muito tempo falada pelos outros, e não por seus próprios artistas com um espaço amplo para discussão. De certo modo, há uma ironia que decorre desta falta de discussão. Apesar de não abordar a pornografia enquanto pauta, há uma estética que se assemelha muito a imagens pornográficas presente no cenário popular, e conseqüentemente uma normalização de certas imagens e costumes relacionados ao sexo. Os acadêmicos italianos Claudia Attimonelli e Vincenzo Susca entendem que isso caracteriza uma pornografização da cultura, algo que se alastra e molda o contexto atual naquilo que chamam de pornocultura. Como eles mesmos dizem:

“Com efeito, após desempenhar por muito tempo o papel de escandalizar, de fustigar a moral pública instituída e de criticar o bom gosto em nome do prazer e do corpo, depois de ter irrigado de carnalidade eufórica a literatura, o teatro, a fotografia, o cinema, a história em quadrinhos, a moda, a publicidade, as redes de televisão e outros meandros da indústria cultural, **o reino do pornoerotismo confluíu para a cultura pop, a ponto de constituir um de seus pilares**” (ATTIMONELLI e SUSCA, 2017, p. 9) (Grifo nosso)

Este contexto pornocultural traz a tona, por sua vez, uma discussão recorrente a respeito dos produtos culturais disponíveis e a ideologia que os acompanham. Nesse cenário, e levando em conta a ironia de uma pornocultura que não discute seu pornô, vale lembrar um dos conceitos apresentados por Herbert Marcuse, nome proeminente da Escola de Frankfurt, a saber, o de “dessublimação repressiva”. Este conceito, oriundo de um resgate da teoria psicanalítica Freudiana

---

<sup>8</sup> Site destinado ao antigo canal Spike, subsidiária da Paramount Pictures.

aplicada à chamada “indústria cultural”, denota a incorporação de mecanismos de dessublimação (a substituição de um aparato de sublimação por um consumo de produtos) na esfera sexual, de maneira repressiva, ao sistema de controle social da realidade tecnológica que por sua vez “estende a liberdade, enquanto intensifica a dominação” (MARCUSE, 2007, pg. 76) (Tradução nossa). Dita de outra maneira, a pornocultura destitui o caráter transgressivo de um produto cultural, e o banaliza, de modo que uma discussão sobre sua própria produção, a princípio, se torna inviável.

Na esteira de um entendimento crítico de tendências na cultura popular, em 2013, a atriz e produtora Rashida Jones se envolveu em discussões a respeito do aspecto pornográfico da cultura pop<sup>9</sup>. Rashida entendia que as músicas pop estavam, invariavelmente, passando uma mensagem negativa. À medida que se expõe demais os corpos femininos, aludindo ao sexo e ao fato de ser cobiçado, Rashida entende que uma geração nova de meninas acabam por serem expostas a figuras femininas que “vendem sexo” enquanto rotulam isso de sexualidade. Assim, a atriz entende o movimento de pornografização do pop como uma saturação. A atriz encontrou muita represália ao explicar sua posição. À medida que ela procurou expor uma tendência presente em cantoras de música pop, muitas pessoas a viram como conservadora, como antiquada, e até como repressiva.

Em 2015, após muita discussão com o público, Rashida leva suas ideias sobre a cultura pop e o pornô a frente ao produzir (e dirigir o primeiro episódio) um documentário para a Netflix chamada “*Hot Girls Wanted*”. Afinal, dado uma pornografização do pop, caberia, então, uma investigação sobre o pornô em si. Ela busca, neste trabalho, mostrar um pouco da realidade do polo de produção pornô amador em Miami. Em uma entrevista a revista VICE, Rashida reitera sua visão sobre a cultura pop e usa o espaço para falar sobre a realidade do outro lado da cultura pop pornografizada, a saber, o das atrizes novas que adentram o ramo da pornografia<sup>10</sup>. No entanto, apesar de um instante de atenção no espaço público, o momento em que se torna possível uma maior abrangência da discussão sobre o ramo da pornografia, e uma maior exposição do cotidiano deste mundo, veio somente o advento de canais Youtube das próprias atrizes e atores do pornô.

---

<sup>9</sup> <https://www.glamour.com/story/rashida-jones-major-dont-the-pornification-of-everything> (Acesso em 10/08/2020)

<sup>10</sup> <https://youtu.be/PLYszpvyED4> (Acesso em 15/08/2020)

A partir da disseminação da rentabilidade do Youtube enquanto plataforma que paga para produção de conteúdo, e enquanto plataforma de promoção de vendas, muitas pessoas que trabalhavam exclusivamente na indústria pornô começaram a veicular conteúdos novos em canais do Youtube com conteúdo diverso. Neste sentido, encontramos uma difusão de sentido inverso ao que Rashida Jones dizia sobre a cultura pop, em suma, encontramos uma “popização do ramo pornô”<sup>11</sup>. Muitos canais criados por atores e atrizes ultrapassaram, e em muito, a marca dos 100.000 inscritos (marca pela qual o Youtube oferece uma “placa de prata” como reconhecimento), mas isto se deu de maneiras diversas para cada um dos canais. Muitos aderiram às tendências de edição, outros as tendências de pauta, mas todos se adequaram de alguma maneira a pecha de Youtuber. Tão diferentes foram as formas de ascensão que a princípio a única coisa que eles teriam em comum seria o fato de virem do mundo adulto e de terem um canal no Youtube. Existem casos até de pessoas que vieram do mundo do pornô, e o deixaram completamente de lado uma vez que conseguiram um público amplo com seu conteúdo *mainstream*, como por exemplo, o caso das ex-atrizes Sasha Grey e Mia Khalifa. Assim, o que este trabalho pretende fazer é justamente atentar a canais de pessoas que se inserem de alguma forma no mundo pornô, seja em suas discussões, seja em atuação, e mapear os discursos presentes no material feito especificamente para o Youtube.

Para iniciar este trabalho, é necessário antes entender o interesse em se estudar um objeto tão específico e quais são as possíveis contribuições que esta investigação traria; torna-se necessário também nos prestarmos a aprofundar um pouco mais no meio da pornografia e suas peculiaridades. Para tanto iremos abordar o pornô e sua definição, bem como ele enquanto objeto de estudo dentro de um contexto de estudos culturais e comunicacionais. Com estas ressalvas, podemos melhor entender a complexidade deste objeto por vez ofuscado no meio acadêmico; podemos também entender a novidade de se encontrar uma produção de conteúdo (de atrizes pornôs) no Youtube e, finalmente, investigar quais discursos são, e que podem ser, mobilizados por esses sujeitos.

---

<sup>11</sup> Termo criado pelo autor para descrever os movimentos de adaptação dos atores e atrizes pornô às características dos conteúdos *mainstream* do Youtube.



## 2. A PORNOGRAFIA

### 2.1 POR QUE O PORNÔ?

São muitos os filósofos, acadêmicos, e intelectuais que se interessam e se debruçam sobre a condição pós-moderna. Existem aqueles que lançam mão de uma abordagem crítica com relação ao predicado econômico que enseja o capitalismo tardio, enquanto outros buscam analisar os efeitos da pós-modernidade em seus sujeitos, para assim entender os pecados, os perigos e os pesares deste *Zeitgeist*<sup>12</sup>. Ao olhar para a pornografia, esta pode ser entendida tanto como causa, quanto como efeito, na pós-modernidade. Assim sendo, O que é importante em qualquer investigação a esse respeito é o rigor com o qual se analisa o objeto. O rigor precede a análise em si, à medida que entendemos que o estabelecimento do objeto, a sua efetiva delimitação ou recorte, requer tanto rigor quanto sua análise. O objeto a ser investigado aqui, portanto, é dos discursos, quaisquer que sejam, veiculados por pessoas do mundo do pornô na plataforma Youtube.

O que move uma investigação tão específica é justamente a possibilidade que esta novo fenômeno apresenta para discussão sobre a pornografia. Independente do que é dito por estas pessoas, o fato de existir um espaço no qual aos profissionais do pornô podem veicular conteúdo que não seja erótico e que, por sua vez, este conteúdo de alguma forma dialogue com a pornografia, diz respeito a uma cultura de convergência. A cultura de convergência, conceito elaborado e disseminado por Henry Jenkins pode, enquanto fenômeno comunicacional, explicar as novas dinâmicas de consumo (JENKINS, 2009) e, conseqüentemente, as novas produções de conteúdo. O que a cultura de convergência não dá cabo de fazer é explicar os discursos perpetuados dentro e fora da pornografia, Menos ainda se explica como esses discursos podem interpelar o sujeito ou produzir sentido. Deste modo, só uma investigação dos discursos presentes pode abrir caminho para entender os espaços que se abrem para re-interpretação daquilo que tange a pornografia (o erótico, a sexualidade, o sexo, o corpo) e a pornografia em si.

A pornografia é, como veremos adiante, de difícil definição por si só. Independente de uma definição mais precisa, existe uma ambigüidade quanto ao

---

<sup>12</sup> "Espírito de uma época" em alemão.

significado de pornografia. De antemão, ele pode ser entendido como transgressivo frente a uma prevalência de costumes conservadores e opressivos. No que diz respeito à genealogia de um consumo, a pornografia pode muito bem significar uma heterotopia. Este conceito, elaborado por Michel Foucault em *As Palavras e As Coisas*, é invocado para descrever um espaço no qual existe uma subversão, temporária, de uma gramática ordenativa, de uma lógica de poder reinante (FOUCAULT, 2005). Algo como um espaço para uma se preservar a fantasia, um lugar no qual a fantasia reina, tal como se pode ver no teatro de Jean Genet chamado o *Balcão*. A primeira pessoa a descrever o pornô enquanto uma heterotopia foi justamente a atriz pornô Italiana Valentina Nappi em seu TedTalk sobre pornô e espaços comuns<sup>13</sup>.

Outro lado da pornografia é o de uma nova normatividade. Esta norma se constitui através do excesso do explícito, excesso das imagens, excesso do que outrora seria transgressivo. Este excesso de explícito como norma, inevitavelmente, diminui as possibilidades de imaginar o novo na mesma medida em que se instaura como o próprio novo. A rigor, a normatividade do pornô enseja diversos problemas para os que consomem, tal como para os que produzem, evidenciando uma falta de discussão sobre práticas sexuais, sexualidade, gênero, saúde pública e outros. Em um contexto mais restrito, pode-se interpretar que a disseminação da pornografia constitui uma banalização do erótico e, mais ainda, reforça certas lógicas opressoras já vigentes; seja isto no âmbito do imaginário na medida em se constrói uma noção excessivamente fantasiosa do sexo e que se reforçam especificamente certos corpos como normais, certas posições como normais e certos atos como normais; ou, também na produção deste material, com as denúncias de maus tratos, abuso sexual, abuso psicológico, entre muitas outras coisas.

Neste sentido, o filósofo Alain Badiou reforça a ideia de que a “era pornográfica” (BADIOU, 2020), a atualidade em si, perpetua as imagens, semblantes, em excesso, e desta maneira reprime toda e qualquer possibilidade de mudança radical devida a esta perpetuação. Badiou associa o pornográfico, no sentido do obsceno, à contemporaneidade, ressaltando caráter imediato e explícito dentro do contexto do estado neoliberal e seu conceito de democracia fetichizado. Apesar de Badiou voltar sua análise à supressão da revolução através da reiteração

---

<sup>13</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=j10BPz6Bhmk> (Acesso em 19/08/2020)

da “democracia”, o aspecto “pornográfico” da contemporaneidade a que ele se refere é justamente o de mascarar, de fantasias, do falso que, invariavelmente, é entendido como verdadeiro. Aplicado à pornografia enquanto indústria, temos a máscara que existe e que reforça a ideia de transgressão da norma e de liberdade. No entanto, como serve a analogia de Badiou, muitas vezes o que se tem é a supressão de uma mudança real devido a uma aceitação deste semblante.

Torna-se necessário investigar como a pornografia, e seus temas adjacentes na cultura popular, pode ser ao mesmo tempo uma transgressão (uma heterotopia) e uma nova normatividade que impõe e que reprime. É necessário se indagar em que medida esta contradição é imanente à pornografia, e em que medida ela existe devido ao fato de se ignorar e se reprimir a discussão sobre a pornografia. Reprimir a discussão ampla e pública sobre pornografia enseja uma série de retornos, de voltas e de regressos. Reduzir o tema em mãos reflete uma falta de um pensamento crítico refinado. Ignorar o tema reflete um pensamento mais limitado e limitante, o que também enseja diversos retornos.

Uma investigação efetiva sobre os discursos veiculados por pessoas do pornô no Youtube (ambiente fora do pornô) estará, diretamente e indiretamente, tangendo tanto o aspecto transgressivo quanto o aspecto normativo da pornografia, bem como muitas outras características que possam ser atrelados à pornografia. A principal diferença aqui, em comparação aos estudos já feitos, é justamente de se olhar para aquilo que a pornografia, possivelmente, diz de si mesmo através destas pessoas no Youtube. Assim, um dos intuitos é de voltar à atenção a tudo que tange esta interseção e ampliar a discussão acadêmica existente, de modo a poder complexificar o entendimento da pornografia e dos sujeitos que o produzem. Por fim, vale ressaltar que a possibilidade de se exercer uma crítica, proibição, revisão, reinterpretação, mudança, depende justamente de uma discussão maior, que possa abranger, futuramente, não só o espaço acadêmico, mas também as pessoas que trabalham no ramo, bem como as pessoas que são afetadas pela perpetuação da pornografia e seus discursos, sempre dispondo de um rigor teórico rígido e uma escuta analítica atenta.

## **2.2 O PORNÔ, UMA DEFINIÇÃO IMPOSSÍVEL**

A definição rotineiramente dada ao pornô seria a de uma representação do sexo explícito. No entanto, esta definição, a princípio, busca apenas simplificar o assunto em pauta. Um olhar mais atento constatará que esta definição está longe de diminuir as ambiguidades e possíveis interpretações a seu respeito. A pornografia de modo geral antecede o meio no qual ele é veiculado e, também, o transcende. Portanto, em prol de entender a pornografia de maneira mais ampla, olharemos para os extremos entre os quais ela pode se encontrar. Mais precisamente, atentaremos as intersecções em que ela se encontra e quais atribuições surgem disso, para então poder tentar definir a pornografia.

Inicialmente, Se olharmos o pensamento do filósofo e libertino Marques de Sade, alguém quem gera discussão em torno de seu nome até a atualidade, a pornografia estaria entre a produção literária e uma insurreição ou transgressão (com o sexo). Entre sua mistura única de sexo, crime, imaginação e escrita, o que se sobressai é justamente a possibilidade de transgredir uma normatividade existente:

“Pois, ousemos dizer de passagem, se o crime não tem esse gênero de delicadeza que se encontra na virtude, não é sempre mais elevado, não tem ele incessantemente um caráter de grandeza e sublimidade com que vence e sempre vencerá os atrativos monótonos e efeminados da virtude? (SADE, 2018, p. 21)

No entanto, a respeito de Sade, encontramos a “pornografia” associada à sua obra de maneira pejorativa. Isto se dá não somente pelo autor voltar sua escrita a um glossário de posições e de criações devassas como em *120 dias de Sodoma*. A associação diz respeito a um juízo de valor atribuído em sua época, e que perdura até hoje. A crítica moral, este puritanismo que faz essa associação, busca reportar um imaginário vil e perverso. No entanto uma crítica amoral diria respeito a um excesso do explícito. Susan Sontag, em seu ensaio *A Imaginação Pornográfica*, retrata essa dicotomia presente nas discussões da época (SONTAG, 2015). Ela explicita as visões que tratam a pornografia literária de maneira limitada dentro de um contexto de problemas psicológicos ou sociológicos. Para muitos autores da época, a escrita pornográfica seria fruto de um desenvolvimento sexual frustrado, e sua diferença quanto à literatura de fato diria respeito ao seu objetivo limitado (que é o de excitar). A busca por chocar, por mostrar, por descrever, acabaria por tolher um uso mais complexo da escrita, sendo o substrato da obra, nada mais que sua forma

(algo explícito). No entanto, o caráter explícito de qualquer produção não esgota, nem de longe, uma definição para pornografia.

Outra interseção na qual a pornografia se encontraria, seria entre o erotismo e a arte. De modo geral, a história da arte retrata uma especial curiosidade, e até uma forma de fixação, no que diz respeito ao erótico. Poderia se colocar obras como as de Gustav Courbet, *A origem do mundo*, ou o trabalho de ilustração de Achille Deveria dentro da categoria pornô se dependesse do teor apenas visual.

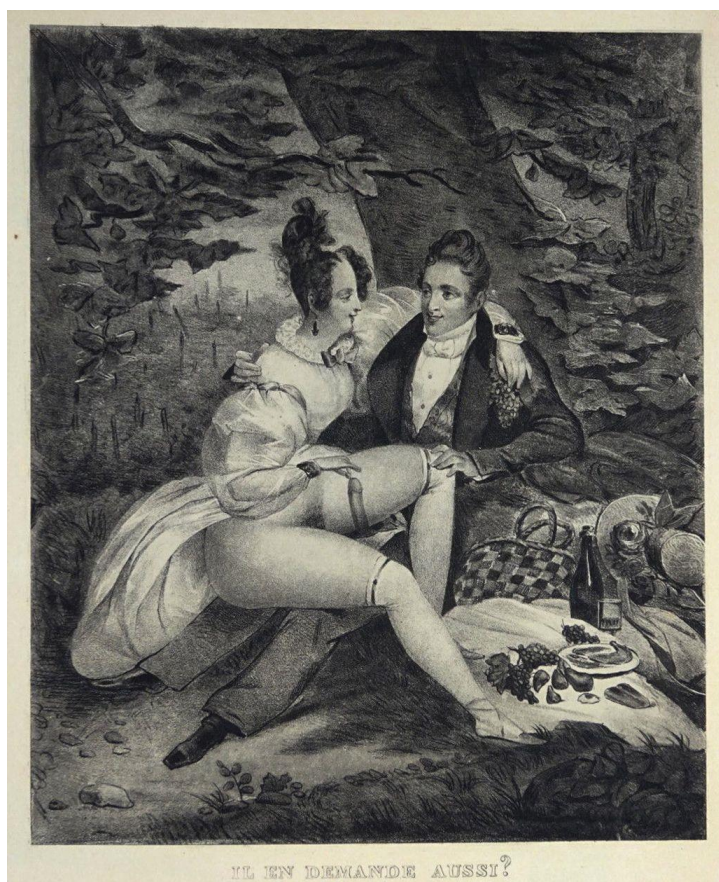


Figura 1 - Achille Deveria

Hans-Jurgen Dopp, acadêmico da psicanálise e historiador da arte erótica, de modo similar aos acadêmicos do tempo da Susan Sontag, diferencia pornografia de arte erótica no que diz respeito a sua falta de imaginação. No entanto, para Dopp, a perturbação, o choque e o confronto com os tabus (características muitas vezes oriundas do caráter explícito da arte) devem ser incentivadas, pois a arte de verdade sempre causou ofensa (DOPP, 2019). No entanto, podemos entender que a ofensa enquanto efeito esperado de uma arte erótica é, na verdade, o mesmo efeito que muitas produções pornôs têm independente do público visado. Iconoclastia,

execração e ironia são características presentes em muitas produções pornográficas. Desta maneira, a ofensa e o choque poderiam ser aplicados tanto à arte erótica quanto a algumas produções pornográficas. Assim, mais ainda, a pornografia estaria mais perto de algumas características da arte, enquanto muitas formas de arte (por vezes não-chocantes ou relativamente conservadoras) estariam perto de uma imaginação em falta.

Ainda na esteira da arte, o realismo da fotografia inaugura muito do que se encontra na pornografia sem necessariamente sê-lo. Enquanto um meio dentro da arte, a fotografia também expressa temas específicos. Por vez uma exposição de fotografias eróticas pode ressaltar tanto o explícito quanto a ideia de choque e ofensa. No entanto, o que distingue isto da pornografia é a inversão de significado que estas imagens sofrem mediante o trabalho do fotógrafo.

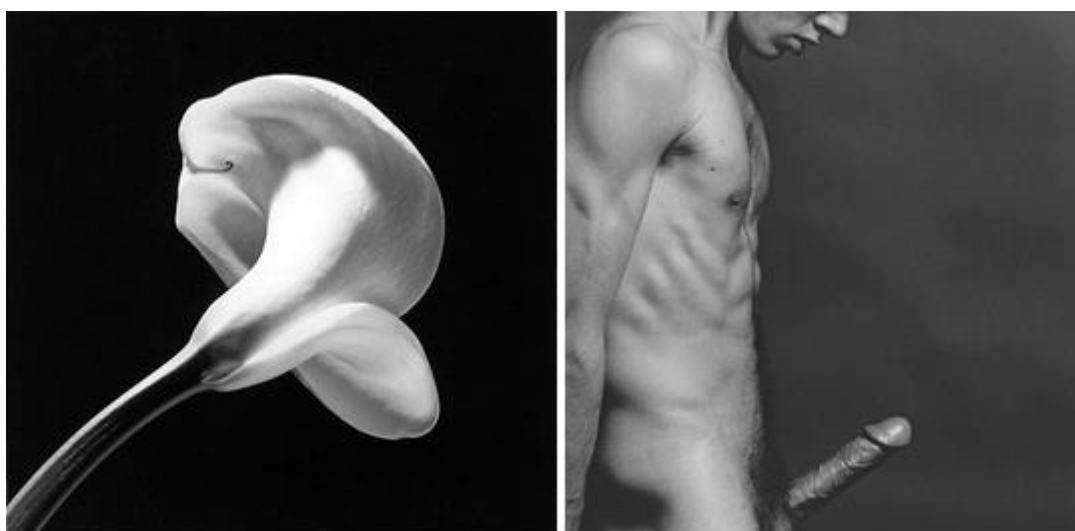


Figura 2 - Fotografias de Robert Mapplethorpe

O professor e psicanalista brasileiro Renato Mezan faz esta distinção mediante a análise de uma exposição de fotos de Robert Mapplethorpe. Devido a uma exposição do trabalho de Mapplethorpe, Mezan, pensando uma análise possível através do olhar psicanalítico sobre a imagem fotográfica e sua curadoria, escreve que:

“Mapplethorpe está possuído pelo “desejo de sexualizar qualquer tipo de imagem”. O psicanalista as compreenderia em sentido exatamente contrário; longe de tratar as flores como caralhos, o que talvez sugerisse o desejo de “sexualizar qualquer tipo de imagem”, Mapplethorpe trata os caralhos como flores, ou melhor, trata flores, caralhos e rostos como objetos para serem iluminados e com-postos”. (MEZAN, 1998, p. 175)

Assim, Mezan ressalta aquilo que a fotografia tem de comum e ao mesmo tempo diferente da pornografia. Ambos tratam as imagens como objetos, mas aquilo que se diz com os objetos pode ser diferente. As fotografias de Mapplethorpe poderiam ser consideradas pornografia por serem explícitas e por vezes chocantes, no entanto, aquilo que as imagens dizem, ao mesmo tempo, é e não é pornográfico. As imagens buscam contar uma história, engajar aquele que vê e, finalmente, expor algo mais do que o meramente denotativo. Dito de outro modo, a fotografia de Mapplethorpe não é pornográfica, pois esta com-posição se encontra ainda no campo da arte.

Se uma narrativa através de imagens for o foco, chega-se finalmente a pensar em uma produção audiovisual. Neste caso, a pornografia estaria entre o cinema e a representação do sexo. No entanto, também, o cinema de modo geral retrata o sexo de maneiras diversas, sem perder sua definição de cinema. O sexo, por mais explícito que possa ser, tem uma função narrativa no cinema. Isto inevitavelmente a distingue da pornografia. O controverso diretor dinamarquês Lars Von Trier recorre ao sexo inúmeras vezes em meio ao seu corpo de obras. O tema é recorrente, e ele norteia muitos trabalhos seus. O sexo por vezes aparece de forma lúdica como um artifício para demonstrar uma intimidade entre personagens como no caso de *Ondas da Paixão* de 1996. O sexo também aparece como uma forma de autopunição e de forma melancólica em *O Anticristo* (2009). No entanto, um trabalho que tem o sexo como tema mais explícito, tanto na sua narrativa, nas repetições dos personagens, e no próprio título, é *Ninfomaníaca* (2013).





Figura 3 - Cartaz promocional do filme Ninfomaníaca

A respeito deste filme, de modo mais específico, Rodrigo Gerace, doutor e pesquisador da UFMG, examina a obra de Lars e suas ambivalências na representação do sexo. A respeito de uma das obras mais explicitamente sexuais (e interpretadas como pornográficas) de Lars Von Trier, Gerace afirma que:

“Transgressor na aparência. *Ninfomaníaca* é como uma versão de *Emanuelle à la Von Trier*. Ele está mais para um filme de terror psicológico com digressões eróticas do que para um filme pornográfico, como anunciou demasiadamente a imprensa antes do lançamento. O vazio existencial de Joe a coloca incessantemente em busca do princípio do prazer, sublimando-o unicamente com sexo. (GERACE, 2015, p. 253)

Assim, representar o sexo dentro de uma narrativa, por mais que de maneira demasiadamente explícita e chocante, não significa necessariamente produzir uma obra pornô.

Chegamos a um ponto central. Se, porventura, uma produção audiovisual com cenas de sexo não define pornografia, é justamente por que a narrativa é mais importante. No entanto, esta narrativa, em qualquer obra, pode ser implícita. De forma inversa ao cinema, no qual o ato sexual é implícito, a pornografia expõe o sexo de maneira explícita. Deste modo, o sexo em si não é narrado (pois está à mostra), mas a sexualidade sim. Neste sentido o pornô pode ser entendido como



uma máscara que esconde uma narrativa da sexualidade. Neste sentido também, o pornô poderia estar contido justamente entre a interseção o sexo e a sexualidade.

Nuno Cesar Abreu é acadêmico, diretor de cinema (diretor de *Corpo em Delito* de 1990) e estudioso da pornografia no Brasil. Abreu investiga nos anos 90 a representação do sexo no cinema e os pornovídeos da época. Lançando mão de um entendimento da psicanálise, Abreu diz que a “sexualidade dos anos 1990 aparenta desenhar-se inseparavelmente da pornografia eletrônica na vida real e no imaginário” (ABREU, 2012, p.12). Abreu também se refere ao pornô como uma máscara para a sexualidade ao justificar sua investigação (ABREU, 2012). Assim, a narrativa presente em muitas produções pornográficas pode ser interpretada de modo mais analítico como uma narrativa da sexualidade e, por consequência, da relação do sujeito com seu desejo.

Dado estas considerações demasiadamente abrangentes, torna se necessário agora entender que na atribuição rotineira que se tem de pornografia existe um exercício ativo de redução de ambivalências. Existe uma simplificação que é prescritiva, e que facilita, consciente ou inconscientemente, o entendimento daquilo que é a pornografia. Por vezes, até acadêmicos renomados recorrem a essas definições para nortear seus trabalhos e caminhar em meio às ambiguidades e interseções possíveis. É o caso de Dany-Robert Dufour, filósofo e estudioso do capitalismo tardio, que recorre à definição dada pela atriz pornô Tiffany Hopkins. A definição dada é para pornô é a de “um objeto de divertimento que tem como finalidade a masturbação” (DUFOR, 2013, p. 329). Desse modo, Dufour entende a pornografia como um dos “méritos” do capitalismo, que conseguiu tornar rentável uma atividade banal e “inútil” como a masturbação (DUFOR, 2013).

As definições rotineiras são por vezes refúgios. No entanto, retornar a definições rotineiras após maiores elaborações seria uma forma de re-interpretação. A impossibilidade de se definir a pornografia impescinde do exercício filosófico de se tentar. Assim, para o propósito desta investigação, o pornô ao qual se refere aqui em diante é o de uma produção, audiovisual ou fotográfica, que consista em sexo explícito com o intuito de causar excitação sexual. Esta produção pode ser veiculada em sites de hospedagem de vídeos como Pornhub ou Xvideos; mediante

sites de assinatura como OnlyFans<sup>14</sup>; ou em grupos de Telegram, Videocassetes, Dvds, Revistas. Os meios nos quais a pornografia pode ser veiculada são inúmeros. No entanto, nossa investigação prescinde da pornografia em si, a não ser enquanto conceito. Nossa investigação precisa do entendimento da pornografia enquanto ideia, para então entender o objeto que se forma para estudo. Mais ainda, a impossibilidade de se definir pornografia é intrínseca aos estudos sobre pornografia, de modo que sempre se esbarra em interseções durante seu estudo.

### 2.3 O PORNÔ ENQUANTO OBJETO

Aquilo que entendemos como pornô, como acompanhamos até aqui, é muito mais complexo do que parece. Como já mencionamos, a pornografia está inserida em um contexto ambíguo que diz respeito, ao mesmo tempo, ao sexo, a sexualidade, ao corpo, ao erótico, a arte, a política e a subjetividade de maneira geral. Além disto, há outro agravante. Mesmo limitando o entendimento do que significa a pornografia, hoje temos uma miríade de conteúdos pornográficos. Não se pode mais falar de uma (única) indústria pornográfica, muito menos falar de um (único) discurso envolvido nesta produção. Os inúmeros meios pelos quais se pode veicular conteúdo pornográfico denotam um fenômeno comunicacional complexo, abrangente, e em constante mudança.

Esta dificuldade em delimitar o objeto e, por sua vez, em retratar este objeto de maneira adequada, explicaria o fato do pornô não ser tão abertamente estudado. Nuno César Abreu explica a natureza de seu objeto de estudo com isto em mente. Ele ressalta o fato de que o processo de distribuição e adaptação da pornografia estaria inscrito “no universo da comunicação, da indústria cultural e da história social” (ABREU, 2012, p. 12). No entanto, existem outras dificuldades no estudo que não dizem respeito apenas a uma complexa definição e mapeamento. Existe algo que tanto Abreu outros autores ressaltam, a saber, a dificuldade de se atentar ao objeto em si, o produto audiovisual ou a imagem pornográfica.

Por muito tempo tem-se o pornô enquanto alvo de controvérsia e dentro de um contexto bem específico de discussão política. Desde os anos 70, época de

---

<sup>14</sup> Site de assinatura mensal de conteúdo, criado em 2016 com sede em Londres. O objetivo do site é permitir que diversos criadores de conteúdo, majoritariamente de cunho erótico, possam veicular suas fotos, áudios, vídeos, por um preço mensal.

maior veiculação e venda de pornô conhecida como “Golden Age of Porn”, até hoje, a discussão mais evidente em torno do pornô tem sido dentro de duas frentes. A primeira delas seria do conservadorismo religioso, manifestações, intervenções, e encontros que foram mobilizados e sempre com um discurso forte de repreensão, de cunho moral, àquilo que o pornô representa. O problema desta crítica seria o fato dela se espalhar a todas as interseções das quais o pornô se insere, portanto o pornô seria apenas mais uma frente a ser criticada dentro do escopo amplo de “devassidão” e “libertinagem” que estão tomando conta da cultura devido a um afastamento de virtudes de modo geral. A interiorização de tal discurso, involuntariamente, explicaria a rápida associação que se faz entre pornografia e “perversão”. A segunda frente de crítica política ao pornô seria a feminista.

A crítica feminista começou sendo explicitamente política e com críticas duras aquilo que o pornô reproduziria, tal como: O discurso patriarcal, a cultura do estupro, a objetificação da mulher, a violência voltada à mulher, entre outros. Uma figura proeminente desta frente crítica era Andrea Dworkin, uma feminista radical conhecida por sua objeção e seu ativismo contra o pornô. Além dela, e desta vez já na academia, temos a Catherine McKinnon, com quem Dworkin escreveu *Pornography and Civil Rights: A New Day for Women's Equality*. McKinnon também se alinhava a visão do feminismo radical, mas ao mesmo tempo era acadêmica da área de direito, o que enriqueceu muito sua produção e a forma com que sua crítica fora exposta. Ambas, entre muitas outras, marcaram a história e a discussão sobre o pornô, umas vez que, com seu ativismo e sua produção teórica, puderam delimitar aquilo que seria intransponível, colocando em evidência muitos dos problemas da indústria e dos discursos que são veiculados através dela.

Ambas as frentes de discussões, tanto por parte do conservadorismo religioso quando por parte do feminismo radical, acabaram por ocuparem em grande escala o imaginário crítico em torno da pornografia. Isto, por sua vez, acabou contrastando com as discussões mais profundas e nuançadas que poderiam surgir de outras áreas, e de certo modo ofuscando os entendimentos da pornografia enquanto produção cinematográfica, enquanto filosofia, enquanto objeto antropológico e, como nosso caso, objeto comunicacional.

Stuart Hall, teórico dos estudos culturais, mudou a história ao voltar os olhos dos estudos culturais para o popular. Em seu texto “Ensaio sobre a (Des) Construção do Popular” o autor mobiliza muito de seu arcabouço teórico para

legitimar e pensar o âmbito popular como um palco de disputas discursivas (HALL, 2003). Esta atitude é de uma curiosidade e rigor acadêmico tamanho, e denota uma falha nos estudos culturais, até então, em negligenciar aspectos tão marcantes da cultura como novelas, blockbusters<sup>15</sup>, séries, entre outros objetos não usuais. Apesar desta variedade de objetos de análise, para Hall e muitos outros estudiosos da cultura, a pornografia nunca chegou a ser objeto de análise como algo que faz parte da cultura popular, da indústria cultural, nem como, enfim, um fato social.

Em 2014, no entanto, houve uma mudança importante de paradigma no que diz respeito aos estudos culturais. A revista acadêmica Routledge lançou um novo periódico que se propunha a discutir justamente aquilo que havia sido reprimido durante muito tempo: O pornô. O nome da revista criada foi “porn studies”, e ela é definida como um estudo interdisciplinar que pretende discutir o pornô enquanto fenômeno discursivo, sociológico, etnográfico, psicológico e muitas outras formas possíveis, inclusive, incorporando as meta-discussões a respeito da legitimidade ou não dos próprios estudos, e uma discussão epistemológica para assegurar de fato em que lugar esse estudo se insere. A acadêmica Helen Hester, professora de mídia e comunicação e autora de livros sobre teoria feminista e pós-humanismo, faz a seguinte observação sobre este novo estudo:

“Esta disciplina acadêmica emergente (Porn Studies) tem como objeto diversas representações pornográficas, e almeja estender o entendimento de um gênero que historicamente recebeu muito pouca análise acadêmica de maneira constante e não-passional.” (HESTER, 2014, p. 1) (Tradução nossa)

Desta maneira, a autora toca no fato do pornô ter sido, na visão dela, negligenciado de maneira proposital (e passional) e reitera a novidade deste estudo ao mesmo tempo em que exalta o compromisso acadêmico pretendido. Neste sentido, é possível lembrar o trabalho de Stuart Hall ao iniciar uma série de análises sobre objetos populares até então negligenciados e, de modo análogo, enxergar no trabalho dos *Porn Studies* uma similar ampliação da possibilidade de pesquisa dentro, e fora, dos estudos culturais.

O fato de existir uma vertente de estudos a respeito do pornô não significa necessariamente que o público (consumidor ou não) seja mais ou menos crítico a

---

<sup>15</sup> Expressão inglesa para qualquer material midiático, mais comumente um filme, de alta lucratividade e sucesso.

respeito daquilo que consome; nem significa que o público entenda o pornô enquanto gênero, as cenas enquanto ficção ou fantasia, ou sequer seus atores e atrizes enquanto humanos. Apesar de não ser o foco deste trabalho, precisamos saber que existe um vazio discursivo, uma falta de entendimento e uma respectiva tentativa de explicação, entre o público e os produtores de conteúdo pornográfico. A atriz Lisa Ann, muito proeminente e bem sucedida no ramo, ressalta este abismo em um debate em Oxford<sup>16</sup>. Ela reitera o perigo do consumo feito por jovens menores de 18 anos no que diz respeito a potencial dessensibilização que o pornô pode causar na não compreensão do limite entre realidade e fantasia e também na criação de expectativas que não condizem com a realidade. Esta constatação feita por Lisa Ann é importante, pois nos permite entender duas coisas.

Primeiramente, podemos entender que o pornô existe independente da discussão a seu respeito, é consumido, e tem um público que consome de maneira recorrente, muitas vezes de maneira acrítica e potencialmente prejudicial. Em segundo lugar, podemos entender que existem pessoas do ramo, profissionais do pornô, que se propõe a participar do debate sobre o consumo daquilo que produzem. Estes profissionais, muitas vezes vistos de maneira disforme e apenas no contexto do consumo daquele pornô, podem atuar na compreensão daquilo que produzem. Este segundo fato denota a abertura que este trabalho pretende investigar, a saber, o que os profissionais desta área dizem no Youtube, qual é o conteúdo que eles produzem fora do pornô, e se há efetivamente uma possibilidade (ou proposta) de engajamento com o pornô, de maneira a mediar ou suplementar o consumo da pornografia.

## 2.4 INTERSEÇÃO PORNOGRAFIA YOUTUBE

Entre o conteúdo pornô e o conteúdo *mainstream* veiculado no Youtube, há um espaço relativamente novo para discussões mediadas pelos próprios profissionais do meio da pornografia. Como mencionado antes, a cultura da convergência, conceito de Henry Jenkins, enseja uma participação maior de consumidores com os diversos conteúdos e seus produtores. A busca por se comentar, compartilhar e, de uma forma ou outra, participar do conteúdo a ser

---

<sup>16</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=8HwCpG2g\\_Ws&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=8HwCpG2g_Ws&feature=youtu.be) (acesso em 02/02/2020).

produzido faz parte do contexto das redes sociais, em especial do Youtube com a popularidade de seus “Youtubers”. Nesta plataforma, existe um espaço para as pessoas do pornô versarem sobre seu cotidiano, seus interesses, suas frustrações na forma de vídeos. No Youtube também existe a possibilidade de se produzir um vídeo sem limite de tempo para aquilo que se quer dizer. O produtor de conteúdo também encontra a possibilidade de se editar o vídeo para reforçar a mensagem com aspectos visuais. De modo geral, esse conteúdo que é veiculado no Youtube lança mão de uma forma específica de comunicação que se configura de maneira a se adequar à plataforma. A este respeito cabe elaborar a idéia de Mcluhan sobre o meio ser a mensagem.

Mcluhan foi um inovador acadêmico Canadense que buscou pensar a comunicação e as mídias dentro de um contexto plurívoco. O autor é visto muitas vezes como o grande “santo padroeiro da revolução digital” (JENKINS, 2009). Mcluhan buscou descrever efusivamente como as tecnologias funcionam como verdadeiras extensões do homem (MCLUHAN, 1994). O autor explora uma série de exemplos para dar cabo de descrever como as tecnologias possibilitam novas mensagens. Como exemplo, a luz elétrica seria a pura informação, um meio sem mensagem, até que se veicule algo através dele (MCLUHAN, 1994). Neste sentido, a mensagem, aquilo que o meio ou a tecnologia tem a “dizer”, é sempre uma mudança vida humana (MCLUHAN, 1994). Assim, com surgimento de uma plataforma de veiculação de vídeos com uma interface de rede social como o Youtube, não seria diferente.

O Youtube surge em 2005 através do trabalho conjunto de ex-funcionários do site PayPal. No início, a proposta era apenas facilitar o compartilhamento de vídeos, algo que, conforme a professora e diretora de pesquisas em mídias sociais Jean Burgess, não era necessariamente inovador na época (BURGESS, 2009). Em 2006, no entanto, a empresa foi comprada pela Google e foi crescendo exponencialmente desde então. À medida que a convergência (JENKINS, 2009) toma conta, e à medida que a cultura participativa é expandida, o Youtube se consolida enquanto espaço para produção de tendências, para procura de referências e, finalmente, para uma verdadeira criação de aldeias (ou palcos) globais (MCLUHAN, 1994) em torno de interesses comuns através da ascensão de seus Youtubers. Dentro deste contexto, viu se proliferarem inúmeras comunidades, e se formarem inúmeras propostas de vídeos, cada um explorando demográficos cada

vez mais seletos e ao mesmo tempo participando de tendências maiores dentro do Youtube. Como exemplo, pode se pensar os vídeos de reação, vídeos com games, vídeos de *unboxing*, vídeos de *prank* (ou “trollagem”), e até, mais recentemente, vídeos de ASMR<sup>17</sup>.

A partir de 2014, constata-se uma primeira iniciativa rumo à criação de uma interseção entre o pornô e Youtube. Neste ano, o site de hospedagem de vídeos pornôs Pornhub veicula seu primeiro vídeo no Youtube<sup>18</sup>. A princípio, o vídeo não gerou muita interação, mas constatou uma realidade até então inexplorada, a saber, que consumidores do pornô também utilizam o Youtube. Desde então, o próprio canal do Pornhub no Youtube criou um espaço de suplementação do seu material pornográfico. A empresa buscou utilizar o canal para entrevistas com seus atores, para campanhas sobre saúde<sup>19</sup>, para campanhas sobre violência doméstica<sup>20</sup>, vídeos de humor, entre muitas outras tendências que não cabem explorar aqui. A partir da constatação de um consumo convergente entre pornô e Youtube, bem como uma expansão massiva da cultura de participação presente na plataforma, muitos atores e atrizes de grandes empresas do pornô vêm se posicionando neste mercado com canais e propostas diversas. Alguns canais chegam aos milhões de inscritos, como por exemplo, o canal do ator Espanhol Ángel Muñoz García, conhecido como Jordi El Niño Polla<sup>21</sup>.

Este espaço específico, entre o pornô e o Youtube, não foi ainda devidamente explorado pela academia. Os padrões de consumo de pornografia merecem, bem como a interpretação do pornô de modo geral, mediante o Youtube, atenção acadêmica (de maneira interdisciplinar mediante comunicação e outras áreas) bem como a atenção pública. Este momento apresenta, de antemão, uma possibilidade de resignificação do pornô e de complexificação do consumo, pois vemos atrizes e atores falando sobre assuntos diversos em um ambiente

---

<sup>17</sup> Sigla para “Autonomous sensory meridian response”, que significa resposta sensorial meridiana autônoma. A rigor, são vídeos com estímulos auditivos e visual para induzir respostas sensoriais por parte de quem assiste aos vídeos. São vídeos comumente associados com relaxamento e sono.

<sup>18</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=ZsTW1auBeYs> (Acesso em 09/08/2020)

<sup>19</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=lwq6EPO4vMY> (Acesso em 09/08/2020)

<sup>20</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=ey7taSUnzt0> (Acesso em 09/08/2020)

<sup>21</sup> [https://www.youtube.com/channel/UCw\\_L6hUIrVC9WbqpUOac2Lw](https://www.youtube.com/channel/UCw_L6hUIrVC9WbqpUOac2Lw) (Acesso em 09/08/2020)

*mainstream* (Youtube) e não mais limitados a apenas produzirem pornô. Há uma abertura de fala para os profissionais da área que, possivelmente, influencia aqueles que estão habituados a enxergar nestas pessoas apenas figuras imaginárias, objetificadas, e muitas vezes reduzidas a um único cenário e um determinado contexto.

Dado este fenômeno novo, neste trabalho pretende-se averiguar como isto está sendo conduzido até agora. O panorama a ser exposto consiste de atrizes com números de inscritos que variam de milhares a milhões. Todos os canais selecionados são especificamente de Brasileiras, pois discorrem dentro do contexto do mercado nacional quando se referem à indústria pornô. Devido à fundamentação teórica que guia este trabalho, tanto a análise do discurso quanto uma interface entre comunicação e psicanálise, também foram escolhidos apenas canais Brasileiros devido ao interlocutor dos canais que são todos, a princípio, falantes do português e que compartilham de referenciais simbólicos do Brasil. Invariavelmente este interlocutor, bem como o sujeito falante que conduz a locução, compartilha de um imaginário similar no tocante as práticas sexuais, entendimento do sexo, bem como na linguagem usada para se referir ao sexo. Desta maneira a pesquisa optou, portanto, em negligenciar páginas de atrizes ou atores estrangeiros por mais que sejam altamente bem sucedidos, e por mais que, também, exponham seus pensamentos sobre a indústria e debatam sobre esta realidade de maneira extensiva.



### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apesar da injunção da produção acadêmica por vezes prescindir de uma relação mais íntima com a teoria, uma abordagem teórica em um determinado trabalho não se resume apenas a uma forma circunstancial de se ver um objeto. A teoria está presente na hora de se recortar o objeto de estudo, no ato de se examinar, tal como antes, na mera forma de se pensar. Este caráter apriorístico da teoria se mostra neste trabalho, na concepção do tema, na exposição de um novo fenômeno comunicacional, bem como ao guiar o uso de determinadas referências em detrimento de outras. Adentrando mais especificamente o tema neste trabalho, a teoria aparece, por exemplo, na escolha de se pensar sujeitos, ao invés de indivíduos. Também, e principalmente, a teoria guia esta investigação na escolha do conceito de discurso, trabalhada extensivamente pela escola Francesa de análise do discurso, para melhor elaborar o tema da pornografia e seus sujeitos falantes no Youtube. Portanto, em prol de abordar o objeto, torna se necessário explicitar um pouco do pensamento que se reconhece nas entrelinhas deste trabalho.

#### 3.1 ESCOLA FRANCESA DE ANÁLISE DE DISCURSO

A história das ideias é feita tanto por linhas visíveis como por linhas invisíveis. Há teorias que são tributários a certos autores, e outros que o são apenas de forma inconsciente. Sem maiores digressões, o pensamento a ser considerado neste trabalho é a da escola Francesa de análise do discurso. Esta escola é caudatária de uma visão que é enxergada primeiramente pelo filósofo e incomparável teórico Louis Althusser. Uma voz na cisão de uma teoria marxista ortodoxa, Louis Althusser emprega, ao longo do seu corpo de trabalho, uma visão de matriz estruturalista para se pensar o capital, bem como uma maestria única em psicanálise e filosofia para se pensar a própria Teoria. Em sua obra *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, em função de mapear como a reprodução se dá no capital, Althusser descreve como a ideologia interpela os sujeitos e, desta maneira, como os constitui enquanto sujeitos (ALTHUSSER, 1992). Ao trabalhar o conceito de ideologia como ele coloca, Althusser busca descrever uma relação entre a materialidade, produtora de ideologia, e sua retroalimentação que ocorre na superestrutura do capital. No entanto, seu trabalho vai muito além de uma análise do

capital à medida que explica o mecanismo de constituição do sujeito que, inexoravelmente, o relaciona com a linguagem, com a materialidade, com a ideologia.

Na esteira deste pensamento de Althusser, apesar de não o citar diretamente enquanto referência, Michel Foucault aborda a constituição do sujeito mediante o conceito de discurso. Foucault, aluno de Althusser, em sua aula inaugural de 1970 no *College de France*, formaliza seu objeto de estudo do momento na forma de uma proposição de trabalho. Para Foucault, preocupado em entender e estabelecer a genealogia e a arqueologia enquanto metodologias de mapeamento inovadoras para a história, o discurso, como ele o entende, permitiria entender uma gama de áreas complexas como a medicina, a lei, e o urbanismo, bem como descrever os achados de maneira mais crítica sem depender da univocidade que, porventura, a própria instituição universidade traria. Sobre este conceito, o discurso, que tange a ideologia bem como a institucionalidade de maneira geral, Foucault diz:

“o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorearnos.” (FOUCAULT, 1996, p. 9)

Evidentemente, as colocações de Michel Foucault transcendem a linguística no que diz respeito a um discurso, bem como transcendem um lastro com o sujeito que fala. Apesar de Foucault não subscrever a uma visão materialista no que se refere ao discurso, sua contribuição para os estudos posteriores diz respeito ao entendimento de um caráter oculto nos discursos. O discurso faz parte de uma relação de poder, bem como parte da constituição das instituições que nos dominam. Por isso, a preocupação em estudar os discursos diz respeito a muito mais do que um objeto de estudo de uma vertente de pensamento acadêmico. Estudar os discursos diz respeito a uma luta, a um engajamento, na medida em que a mera evidenciação de um discurso, que sempre se insere em uma ideologia, abre possibilidades políticas.

Ao pretendermos trabalhar com o conceito de discurso, encontraremos influências de mais arcaísmos teóricos, mas que ainda devem muito a esta primeira premissa foucaultiana, bem como aos estudos dos aparelhos ideológicos do estado feitos por Louis Althusser. É o caso da Escola Francesa de Análise de Discurso que,

na figura de Michel Pêcheux, bem como em muitos acadêmicos tanto Franceses como Brasileiros, busca transcender as imposições epistemológicas e metodológicas vigentes para desenvolver um trabalho alicerçado em Materialismo, Linguística e Psicanálise, mas que ao mesmo tempo questiona suas matrizes em suas próprias limitações.

Michel Pêcheux, linguista e filósofo na França e no Brasil, foi um dos fundadores desta escola de análise do discurso. Ao longo de seus trabalhos, Pêcheux se preocupou com a questão do rigor e de colocar em cheque todas as premissas epistemológicas fundadoras da análise do discurso, bem como os discursos que fundam o trabalho intelectual que, porventura, se posiciona de modo produzir conhecimento. Desta maneira, a análise do discurso se encontra em constante debate com a ciência bem como a filosofia em suas mais distantes áreas. Como exemplo a este respeito, discutindo a situação teórica das ciências sociais nos anos 60, Pêcheux elabora:

“Não se trata mais de julgar as ciências segundo o estilo kantiano, ou de reprimi-las de maneira fenomenológica, o que volta sempre, em última análise, a exibir as perversões da subjetividade científica e, ao fazer isso, a lançar no mercado uma nova ideologia filosófica, um novo desconhecimento da ciência.(...) Se o conceito de teoria é fundamentado, a filosofia como estado neutro desaparece, recolocando em questão o sentido da distinção crítica interna/crítica externa. Nosso trabalho consiste, a partir daí, em analisar as especificações do todo complexo conflituoso no qual as práticas científicas, e também a filosofia como prática específica, estão implicadas entre outras determinações teóricas e não teóricas, das quais somente a Teoria pode permitir apreender as articulações.” (PÊCHEUX, 2015, p. 24)

Uma das características marcantes da análise do discurso é o vigor com que se explicita a dimensão intrínseca da política na linguagem. Como ressalta Françoise Gadet, linguista e especialista na obra de Pêcheux, a análise de discurso “se apoia no político” (GADET, HAK, 2010). Mesmo quando o material a ser analisado se refere à ciência ou à literatura, a dimensão política é ressaltada por constituir e interpelar a todos os sujeitos em qualquer dado momento. Neste sentido, os trabalhos conduzidos partem de uma posição de privilégio, por poder enxergar esta dimensão política e, exatamente por isso, poder incidir em uma crítica mais contundente. Torna-se evidente, através da atenção à política, a presença de uma linha na história das ideias que se inicia em um estudo da ideologia em Althusser, que, depois, se encarrega de um método genealógico para enxergar o discurso mediante os trabalhos de Foucault, e que, por fim, mediante críticas e autocríticas,

se consolida no trabalho de Michel Pêcheux e na fundação de uma escola Francesa de análise de discurso.

### **3.2 ANÁLISE DO DISCURSO: CONCEITOS**

A partir deste momento, torna se necessário expor quais conceitos oriundos desta escola contribuem para a investigação em mãos. O primeiro deles é o de discurso propriamente dito. Conforme a linguista, pesquisadora e expoente da escola Francesa de análise do discurso Eni P. Orlandi: “O discurso é efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 1999, p. 20). Cabe, no entanto, retornar a história das ideias para entender a dimensão dessa definição. Não limitado à visão de Michel Foucault mencionada anteriormente, inclusive de certo modo crítico a ele no que se refere ao engajamento do mesmo (PÊCHEUX, 2009), Pêcheux busca alicerçar seu entendimento de discurso em consonância com uma visão materialista. Conforme a acadêmica e professora de linguística Helena H. Nagamine Brandão, além do materialismo histórico, Pêcheux recorre à linguística, a teoria do discurso e uma teoria da subjetividade para determinar o que é discurso (BRANDÃO, 2004). O discurso, assim entendido, se encontra entre a luta de classe, uso da linguagem, dinâmicas de poder e subjetividade.

Outro conceito elementar é o de sujeito. Como ressalta Gadet, para Pêcheux é “impossível a análise de discurso sem sua ancoragem em uma teoria do sujeito, tema que deve ser visto como um lugar problemático” (GADET, HAK, 2010, p. 9). Problemático, por que demasiadamente complexo. Complexo, por que resvala em inúmeras considerações epistemológicas, psicanalíticas e, invariavelmente, ontológicas. Como elabora Pêcheux, o binário Objeto/Sujeito estaria presente em uma discussão muito mais abrangente do que a epistemologia clássica se encarrega de destrinchar (PÊCHEUX, 2009). Portanto, para o propósito deste trabalho o sujeito pode ser entendido em oposição à categoria de indivíduo. À medida que o indivíduo é invocado para se referir a uma suposta materialidade (PÊCHEUX, 2009), o sujeito, em contrapartida, é sempre fragmentado e inserido em um contexto social-histórico-linguístico próprio. A este respeito, em contraposição à uma lógica demasiadamente simplista, Brandão entende que:

“Esse sujeito essencialmente marcado pela historicidade não é o sujeito abstrato da gramática, mas um sujeito situado no contexto sócio-histórico de uma comunidade, num tempo e espaço concretos. É um sujeito interpelado pela ideologia, sua fala reflete os valores, as crenças de um grupo social. Não é único, mas divide o espaço de seu discurso com o outro, na medida em que, na atividade enunciativa, orienta, planeja, ajusta sua fala tendo em vista um interlocutor real...” (BRANDÃO, 2012, p. 26)

O conceito de sujeito é essencial, pois, é através dele que se entende a incorporação da língua e o processo de enunciação. Conforme Brandão, a (re) incorporação do sujeito à linguística acontece no trabalho do linguista Émile Benveniste (BRANDÃO, 2012). A enunciação, desta maneira, é mais do que dizer. A enunciação (de discurso) atesta a posição do Eu, tal como a posição do Outro. A enunciação atesta a indissociabilidade do Outro, já no uso da língua incorporada. Sobre este enlace entre o conceito de sujeito e a enunciação na teoria de Benveniste, Brandão diz:

“Segundo Benveniste, a subjetividade é a capacidade de o locutor se propor como sujeito do seu discurso e ela se funda no exercício da língua. Esse locutor enuncia sua posição no discurso através de determinados índices formais dos quais os pronomes pessoais constituem o primeiro ponto de apoio na revelação da subjetividade na linguagem. No processo da enunciação, ao instituir-se um EU, institui-se necessariamente um Tu.” (BRANDÃO, 2012, p. 56)

Os locutores, quaisquer, emitem enunciados. Os sujeitos se apossam da posição de locutor quando emitem um enunciado. Este enunciado terá sentido à medida que se insere em um determinado contexto. O enunciado “apenas adquire sentido em relação à situação, mas, ao mesmo tempo, configura essa situação” (BENVENISTE, 2012, p. 193). Neste sentido enseja-se que, o sujeito, ao enunciar, produz (e reproduz) discursos. Estes discursos se inserem em algo que a análise de discurso se propõe a mapear, a saber, as formações discursivas. As formações discursivas aparecem primeiramente na obra de Michel Foucault, e são entendidas enquanto agrupamentos de discursos que constituem mecanismos de coerção e controle (FOUCAULT, 1996). Para além de Foucault, Orlandi entende que a formação discursiva seria aquilo que determina o que pode ou não ser dito dentro de um determinado contexto (ORLANDI, 1999).

O “contexto”, para a análise de discurso, diz respeito à ideologia. Portanto, na esteira do conceito de enunciação, e de formação discursiva, é necessário explicar o conceito de ideologia. Tal como o conceito de sujeito, não há simplicidade

nem univocidade no conceito de ideologia, uma vez que várias contribuições teóricas moldaram e contribuíram para o entendimento presente na escola Francesa de análise de discurso. No entanto, para o propósito deste trabalho, basta retornar àquilo que Louis Althusser buscou elaborar em *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Althusser fala em ideologias e não em ideologia, em prol de desenvolver uma teoria geral da ideologia. Com isto, ele retoma brevemente a história deste conceito (de Destut de Tracy à Marx) e demonstra como, até então, Ideologia era entendido como o “sistema das ideias, das representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social” (ALTHUSSER, 1992, p. 69). A partir disto, Althusser explica o conceito enquanto presentes tanto em *Aparelhos Repressivos do Estado* (ARE) quanto *Aparelhos Ideológicos de Estado* (AIE) para se assegurar a reprodução das relações de produção (ALTHUSSER, 1992). No entanto, a ideologia não se limita a isto.

Althusser estabelece um paralelo importante entre o inconsciente da teoria Freudiana e a ideologia. Althusser estabelece que a ideologia diz respeito a uma realidade material, mas não se limita a ela, uma vez que ela “não tem história” tal como “o inconsciente freudiano é eterno”. Assim, Althusser propõe que “a ideologia é eterna como o inconsciente” (ALTHUSSER, 1992, p. 75). Mediante o estabelecimento de uma abrangência maior do conceito, Althusser elabora em mais detalhe e chega a duas teses conjuntas que abrem caminho para a nossa investigação, a saber, que “só existe prática através e sob uma ideologia” e “só existe ideologia através do sujeito e para sujeitos” (ALTHUSSER, 1992, p. 91).

No que diz respeito à apropriação feita pela escola Francesa de análise do discurso, cabe traduzir as formulações de Althusser para o contexto da linguística e da investigação da produção de sentido. Como pontua Eni P. Orlandi: “O fato mesmo da interpretação, ou melhor, o fato de que não há sentido sem interpretação, atesta a presença da ideologia” (ORLANDI, 1999, p. 43). Assim, ao se evidenciar que a *prática* de produção de sentido (e sua investigação) feita por *sujeitos*, inevitavelmente atesta a presença de *ideologia* e de *formações ideológicas*, entendemos que:

“a ideologia, por sua vez, (...) não é vista como conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade. Não há aliás realidade sem ideologia. Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido” (ORLANDI, 1999, p. 46)

Com os conceitos de discurso, sujeito, enunciação, formação discursiva e ideologia postos, torna-se necessário ainda elaborar aquilo que constitui o chamado “dispositivo de interpretação”. Em meio a conceitos de diversas áreas e formulações próprias, bem como de uma constante demanda de crítica, a análise de discurso de linha francesa oferece mais do que uma fundamentação teórica, mas uma indissociabilidade entre a análise e aquele que analisa. Dito de outra maneira, a análise está sempre sendo feita, e dificilmente se enquadra enquanto teoria a ser “usada” para uma análise. Uma elaboração desta visão está presente em Orlandi ao se referir à mobilização de conceitos (o dispositivo analítico) que se apresenta a cada analista:

“O que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, à natureza do material que analisa e a finalidade da análise. Gostaríamos de acrescentar que como a pergunta é de responsabilidade do pesquisador, é essa responsabilidade que organiza sua relação com o discurso, levando-o à construção do *seu* dispositivo analítico, optando pela mobilização desses ou aqueles conceitos, esse ou aquele procedimento, com os quais ele se compromete na resolução de sua questão” (ORLANDI, 1999, p. 25)

Ao examinar canais de atrizes pornô no Youtube, pretende-se mapear aquilo que constitui discurso, que produz sentidos, de modo a entender um fenômeno comunicacional novo e expor um panorama. No entanto, de antemão, a análise parte de um objetivo de se abrir a discussão sobre a pornografia. Deste modo, pode-se dizer que há uma posição anterior à investigação que conseqüentemente a move, tal como a pré-disposição em expor a dimensão política existe na análise de discurso de linha Francesa. Esta pré-disposição pode ser melhor compreendida na forma das perguntas que se busca responder a respeito deste novo fenômeno de comunicação. A exemplo temos: O que diz o pornô? O que dizem as atrizes do pornô? Existe reiteração de um discurso de consumo de pornografia? Há sofrimento na produção, na veiculação, no consumo? Existe repetição de uma dimensão transgressiva ou normativa do pornô? É possível alguma mudança no imaginário em relação à pornografia? Há mudanças de comportamento pressupostas na produção dos vídeos? Há desconstrução de certos entendimentos sobre sexo, sexualidade, indústria pornô, relacionamento?

### 3.3 ANÁLISE DE DISCURSO E COMUNICAÇÃO

Como mencionamos antes, a teoria está sempre presente na elaboração de um trabalho. Deste modo, cabe lembrar que apesar de largamente ancorado em análise de discurso para a condução deste trabalho, o objeto a ser investigado é inexoravelmente do campo dos estudos da comunicação. Isto é evidente devido ao fato do meio (a plataforma Youtube) ser uma rede de comunicação social, mas não somente por isso. Existe uma consonância maior entre a comunicação social e a análise de discurso de linha Francesa no que se refere à delimitação do objeto, pois, a comunicação virtual, atualmente, configura um novo componente material da realidade social. Como pontua o acadêmico e epistemólogo da comunicação Luís Mauro Sá Martino:

“A comunicação virtual criou um suplemento à vida real. O aparecimento dos sites comerciais implicou a criação de uma economia virtual; a facilidade de contato e comunicação provida pelas redes de computadores alteraram a vida fora da tela – não existem barreiras entre as relações sociais reais e as relações virtuais...” (MARTINO, 2009, p. 274)

Existe uma nova concepção de realidade na qual o virtual se incorporou. A história, e a materialidade desta história, se alteraram redefinindo as relações sociais, os usos de discurso, as formas de esquecimento e nossa concepção de comunicação. A este respeito, o filósofo e pensador da comunicação e da tecnologia, Pierre Levy, entende esta nova concepção de realidade enquanto “cibercultura”. Pensando esta realidade ele afirma que:

“Para cada uma das grandes modalidades do signo, texto alfabético, música ou imagem, a cibercultura faz emergir uma nova forma e maneira de agir. O texto dobra-se, redobra-se, divide-se e volta a colar-se pelas pontas e fragmentos. Transmuta-se em hipertexto, e os hipertextos conectam-se para formar o plano hipertextual indefinidamente aberto e móvel da Web” (LEVY, 1999, p. 151)

As modalidades de signo, e de se trocar signos, mudou. A noção de texto mudou. Em face desta nova realidade, a produção de sentido investigada a partir da análise de discurso precisa, necessariamente, se dar em outros espaços, com vista às peculiaridades que aquele meio enseja. A produção de sentido se dá em inúmeras maneiras. Aquilo que é enunciado por pessoas pode se perpetuar por



múltiplas plataformas, se adequando a cada uma delas, e surtindo efeitos diferentes em cada uma delas. Assim, a materialidade discursiva sobre a qual se efetua uma análise, acaba por se tornar mais abrangente que antes. Por isso, a análise de discurso precisa, novamente, levar em consideração as especificidades do meio no qual este discurso é veiculado, e o contexto (as formações discursivas e a ideologia presente) no qual essa comunicação se dá. Um pensamento que sintetiza os desafios da análise de discurso aplicado à comunicação é exposto pela acadêmica e professora Roseli Figaro. Sobre este desafio, Figaro ressalta que:

“Portanto, texto, enunciado e discurso são termos conceituais que tem especificidades, mas, no processo de comunicação, são um só produto. Pesquisar e analisar os processos comunicativos – na diversidade de suas linguagens – demanda compreender esses elementos basilares e requer do analista instrumental adequado para efetuar seu estudo.” (FIGARO, 2012, p. 14)

Deste modo, o objeto a ser considerado aqui, não pode se limitar a linguística, a sociologia, a psicologia ou qualquer outro campo de maneira exclusiva. Ao abordar canais de atrizes pornô, na mídia social Youtube, e investigar aquilo que estes locutores perpetuam enquanto discurso, bem como ao se indagar sobre os sujeitos falantes que expõe uma narrativa de si neste meio, busca-se responder às diversas perguntas que concernem, também, à comunicação. Aquilo que o pornô “fala”, invariavelmente, é ao mesmo tempo discurso, enunciado e texto. Dito de outra maneira, aquilo que o pornô, mediante suas atrizes, “fala” é comunicação.

### **3.4 INTERFACE COM A PSICANÁLISE**

Aquilo que se pretende expressar nem sempre é interpretado de maneira esperada, por isso parte substancial do trabalho da análise de discurso Francesa é justamente expor aquilo que a psicanálise, desde sempre, infere sobre a linguagem, a saber, seus des-dizeres, seus não-ditos, seus deslizos, suas inconstâncias ou a sua “Incontornável ambiguidade” (PÊCHEUX, 2015). Sobre a presença da Psicanálise na análise do discurso, o psicanalista David Pavón-Cuellar salienta que Michel Pêcheux foi um dos primeiros a recorrer sistematicamente à obra de Jacques Lacan para seus trabalhos (PÁVON-CUELLAR, 2019). A Escola Francesa de Análise de Discurso, neste sentido, sempre lançou mão de entendimentos oriundos

da psicanálise conforme se desliga do conceito de “homem” para se debruçar sobre o conceito de sujeito (ORLANDI, 1999).

No que diz respeito a uma teoria da comunicação, a psicanálise não teria uma contribuição direta, a não ser em questão crítica à medida que explicita certa simplicidade e utilitarismo de algumas vertentes. Seja ao recorrer a certas metodologias em detrimento de outras, seja na conceituação dos seus saberes, seja na apresentação dos seus problemas, o campo da comunicação se encontra em uma posição de crítica por diversas das outras áreas que constituem interfaces com a comunicação. No que diz respeito à psicanálise, não seria diferente. A este respeito a psicanalista, e estudiosa da comunicação social, Jeanne Marie Machado de Freitas nota que:

“As teorias da comunicação debatem-se incessantemente em torno dos problemas do poder da dominação, compreendidos no princípio do controle dos meios de comunicação, da linguagem da comunicação, da codificação das mensagens, como se a linguagem, à qual estes problemas são vinculados, fosse um instrumento utilitário, uma arma inteiramente manipulável, passível de desempenhar um trabalho determinado, conduzindo a um determinado e previsível fim.” (FREITAS, 1992, p. 13)

Assim, a interface entre comunicação e psicanálise presente neste trabalho se daria, por tabela, à medida que a análise do discurso Francesa seja constituída pelo tripé Linguística-Marxismo-Psicanálise (ORLANDI, 1999). No entanto o seguinte trabalho subscreve duplamente a uma teoria psicanalítica, antes e depois das análises de discurso, à medida que entende o locutor não só na sua produção de discurso, mas também na forma de “sujeito dotado de corpo” que, inexoravelmente, se estranha e, por vezes, sofre.

Ao se debruçar sobre aquilo que atrizes pornôas falam, e os discursos que são mobilizados, deve se optar por entender o fenômeno em mãos com rigor e curiosidade acadêmica. No entanto, o trabalho enxerga também uma dimensão ainda mais subjetiva por entender que, em se tratando de pornografia, há um objeto primeiro que é o corpo (aquilo que se espera quando se consome pornografia). Este corpo é, no imaginário, a figura central que atíça, que excita e que incita o consumo em primeiro lugar. A este respeito, a psicanalista francesa Monique David-Ménard se insere em uma longa discussão sobre a repressão do conceito do corpo na psicanálise para então dizer que:

“O corpo não é unicamente erógeno, é certo, se não a psicanálise seria onipotente, teria uma palavra a dizer sobre tudo. O corpo não é unicamente erógeno, mas esse é o aspecto pelo qual a psicanálise pode tomar as coisas.” (DAVID-MÉNARD et al, 1989, p. 97)

O que a psicanalista busca expressar é que, para a psicanálise, o erótico diz respeito a muito mais do que aparenta em primeira vista. O “erógeno” ao qual David-Ménard se atem é justamente aquilo que diz respeito ao desejo (dos outros) e ao lugar no qual se afloram os sintomas. Neste sentido, ainda que não seja objetivo deste trabalho digressar sobre a origem sexual de certos sintomas, é necessário ao menos explicitar um aspecto mais complexo do enlace com a psicanálise.

Este objeto, o corpo e toda sua sensualidade e sintoma, é imaginado e consumido na pornografia. Entende-se que, de certo modo, existe uma relação sujeito-objeto necessária, uma redução daquele corpo a uma forma imaginária (a um objeto), que ocorre ao se consumir pornô. Dentro de uma lógica de consumo, a pornografia já teria exaurido todas as formas de exposição possíveis, uma vez que ela capitaliza o excesso de imagens que estes corpos produzem. No entanto, este mesmo objeto, o corpo, pode ser depois transportado e re-visto em uma plataforma diferente (Youtube), na qual a sua explicitude é limitada. Neste novo cenário, o corpo é exposto enquanto origem de falas, enquanto parte de um sujeito falante. À medida que este sujeito falante discorre sobre sua vida, seus anseios, seus desejos, seus sofrimentos, torna-se importante ressaltar que existe, de maneira irônica, um sujeito “nu” como não havia antes. Esta nudez é fruto de um novo meio que permite maior exposição para pessoas que, a princípio, já não teriam mais o que expor. Essa nudez pode ser algo de impacto catártico muito grande, bem como de exposição de muitas coisas reprimidas até então sem espaço para vazão para aquele sujeito falante. Esta nudez, também, pode significar um contato, por parte do consumidor, fundamentado em uma alteração de visão (ora mais subjectificado, ora mais objectificado).

Esta digressão serve para assinalar que, antes de recorrer a um corpus teórico para somente então iniciar uma análise, de modo utopicamente neutro, este trabalho subscreve a uma concepção anterior que guia a análise. Entende-se que existem, independente de quais discursos sejam expostos em um panorama sobre um novo fenômeno comunicacional, mais que locutores. Existem sujeitos normalmente reduzidos a corpos, que estão “narrando de si mesmo” enquanto

produzem discursos. Neste sentido algumas análises estarão pré-dispostas a escutar e, invariavelmente, enfatizarão a possível dimensão de sofrimento presente, bem como os relatos pessoais passíveis de mobilizarem afetos.

#### 4. METODOLOGIA

Inicialmente cabe ressaltar que, por mais que exista um dispositivo de interpretação, conforme visto anteriormente na fundamentação teórica, não há método reproduzível. Como bem salienta Luiz Mauro Sá Martino “A análise de discurso não é um método, é uma teoria. Ou melhor, um conjunto de teorias sobre os usos da linguagem” (MARTINO, 2018, p. 162). Diferente de outros trabalhos de comunicação social, nos quais é possível expor métodos de manejo de dados de maneira a cumprir com certas noções de cientificidade, aqueles que lançam mão deste arcabouço teórico encontram respaldo na explicação da teoria em si. Assim, a metodologia a ser exposta neste trabalho diz respeito, somente, à construção de um *corpus* para análise e a curadoria dos enunciados e dos discursos.

O objetivo deste trabalho, como mencionado anteriormente, é ampliar a discussão sobre a pornografia. No entanto, a forma com que se pretende alcançar este objetivo se dá através da aplicação da análise do discurso em alguns canais de profissionais do pornô no Youtube. Como não se analisa a pornografia em si, entende-se, portanto, que seja importante oferecer mais de um canal para efetuar as análises. A natureza dos canais diverge quanto ao número de inscritos e, portanto, na dinâmica de comunicação e de produção destes vídeos. Através de alguns canais, com números de inscritos variados, entende-se que há uma maior abrangência referente ao assunto. Assim, o *corpus* a ser trabalhado diz respeito à elaboração de um panorama, e não uma exposição quantitativa dos vídeos que compõe os canais das atrizes pornôs.

Primeiramente, como mencionamos no começo, os canais escolhidos são todos de atrizes brasileiras. Apesar de haver diversos canais mundo a fora, e apesar do primeiro contexto do fenômeno de atrizes e atores pornôs no Youtube ter acontecido fora do Brasil, o objetivo do trabalho é fazer um recorte do Brasil. A escolha foi feita por entender que os canais Brasileiros de atrizes pornôs retratam o contexto da produção pornográfica Brasileira, e também, que a pornografia consumida no Brasil tenha seu contexto próprio. Somados a isso, optou-se por escolher exclusivamente os canais Brasileiros com vistas ao interlocutor para quem os enunciados, os discursos, e os vídeos de maneira geral são dirigidos. Este interlocutor, invariavelmente, faz uso do Português, entende as referências do

contexto nacional, e, mais importantemente, compartilha de uma experiência subjetiva sobre sexo e sexualidade comuns, do Brasileiro.

Em segundo lugar, todos os canais escolhidos são de mulheres. Este recorte de gênero é importante, pois já denota, de antemão, a realidade Brasileira. A princípio isto se deu não devido a uma escolha, mas devido, justamente, a uma especificidade do contexto nacional. Atores como Alexandre Frota e Kid Bengala são de amplo reconhecimento no Brasil e são, de longe, os nomes mais presentes da indústria nacional. Alexandre Frota veiculou muito de seu pensamento “conservador” durante o período em que tentou se eleger como deputado federal. Ele compartilhava suas colocações em diversas redes sociais, dentre as quais o Youtube seria apenas mais uma. O ator Kid Bengala recentemente criou um canal no Youtube<sup>22</sup> com vistas a divulgar seu trabalho na produção de um clipe musical seu, mas também para divulgar sua candidatura como vereador de São Paulo em 2020. A forma com que se tratam estes atores é muito diferente da forma que se trata as atrizes no Brasil. O imaginário brasileiro é constituído de esquecimentos específicos, e repetições peculiares que não cabem analisar neste momento. Cabe apenas dizer que, ambos não têm uma presença no Youtube que constitui um uso particular de um Youtuber e, portanto, não constituem parte do panorama a ser exposto.

Os canais a serem expostos são de cinco mulheres, com maior ou menor numero de inscritos e com conteúdos distintos. O que une, primeiramente, todos os canais abordados seria o fato de produzirem vídeos em 2020. Dito de outra maneira, o critério de seleção era se o canal estava ativo ou não durante o período da pesquisa. Deste modo estariam excluídos canais como MamMa Mia, da atriz Mia Linz, e Segredos da Imperator, da atriz Marcia Imperatriz. Outro fator que ordena a escolha dos canais seria o fato de versarem abertamente sobre seus trabalhos na indústria pornográfica, seja enquanto atrizes independentes ou não. Isto exclui inúmeros canais de Youtube de atrizes que produzem conteúdo pornográfico próprio para sites de hospedagem de vídeos pornográficos como Pornhub e Xvideos ou para sites de assinatura mensal como OnlyFans e Patreon. Estes canais tem a peculiaridade de não associarem um conteúdo a outro (deliberadamente separando aquilo que é pornográfico daquilo que não é), e, portanto não fazem parte do

---

<sup>22</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=RDJMSh371Sk> (Acesso em 20/10/2020)

panorama. Assim, os canais escolhidos foram Clara Aguilar (da camgirl Clara Aguilar), QG da Dread (da atriz pornô Dreadhot), Barbaridade Nerd (da ex-atriz pornô Barbara Costa), Emme White (da ex-atriz pornô Emme White), Mel Fire (da atriz pornô e camgirl Mel Fire).

Apesar do fato de que, para efeito de seleção de material discursivo, um enunciado apenas poderia constituir o suficiente para uma análise, entende-se que, enquanto trabalho de comunicação social, é importante mostrar o alcance que um determinado canal tem. O alcance diz respeito a quantas pessoas, porventura, tiveram acesso ao conteúdo veiculado. Para tanto, bastaria o número de inscritos de cada canal. No entanto, entende-se que o número de visualizações constitui um melhor indicador pelo fato de que certas pessoas pode ter acessado um vídeo, compartilhado um vídeo, ou ter interagido com o vídeo sem necessariamente ter se inscrito no canal. Assim, pode se notar a tabela construída abaixo com o nome dos canais ao lado do número de visualizações e o número de inscritos. No que diz respeito ao canal da Mel Fire, por exemplo, pode se constatar que número de visualizações é maior do que os canais da Barbaridade Nerd e Emme White, no entanto, o número de inscritos dos últimos canais mencionados são maiores do que da Mel Fire.

<b>Nome do canal</b>	<b>Visualizações</b>	<b>Inscritos</b>
<b>Clara Aguilar</b>	97,791,822	1,380,000
<b>QG da Dread</b>	77,875,852	1,070,000
<b>Mel Fire</b>	3,133,791	59,400
<b>Barbaridade Nerd</b>	2,932,260	92,100
<b>Emme White</b>	1,774,737	92,400

Tabela 1 - Número de visualizações e de inscritos nos canais analisados

Finalmente, a respeito da escolha dos vídeos e suas respectivas análises cabe os seguintes esclarecimentos. Ao longo do segundo semestre de 2019 e no ano de 2020, foram assistidos os vídeos de todos os canais aqui expostos. Cada vídeo poderia ser interpretado como parte de uma estrutura inteira, dessa maneira cada vídeo teria um papel semiológico dentro do canal. No entanto, para o propósito de uma análise de discurso, é necessário entender que a produção de sentido se dá tanto em um único material (um vídeo) quanto em outros (vários vídeos). Dito de

outra maneira, a materialidade discursiva a ser considerada não depende de amostragem. Como aponta Orlandi, “a delimitação do *corpus* não segue critérios empíricos (positivistas), mas teóricos” (ORLANDI, 1999, p. 60). Portanto, dentro de uma primeira delimitação, chegou-se a cinco canais, e destes canais foram escolhidos vídeos específicos para serem mostrados.

Assim, o que guia a análise e a exposição, a curadoria, dos achados das análises, é a pergunta que o trabalho visa responder. Como mencionado no conceito de dispositivo de interpretação da Eni P. Orlandi (ORLANDI, 1999), “o que o pornô fala” e as perguntas que disso decorrem, guiam as exposições feitas. Vale dizer também, que este objeto nunca está completamente “analisado”, ou exaurido de análise. Como Orlandi salienta “Uma vez analisado, o objeto permanece para novas e novas abordagens. Ele não se esgota em uma descrição” (ORLANDI, 1999, p.62). Desta maneira, será exposto cada canal naquilo que diz respeito à formação do contexto, de uma proposta de apresentação para o interlocutor e, em seguida, vídeos específicos com seus enunciados, discursos, e formações discursivas (podendo ou não repetir de vídeo para vídeo ou de canal para canal).

Finalmente, cabe ressaltar que aquilo que foi constante ao assistir os vídeos destes canais foi o imperativo metodológico elaborado pelo pai da psicanálise, Sigmund Freud. Freud, em 1912, busca elencar algumas regras técnicas para aqueles médicos que visam praticar a psicanálise. Dentre estas regras, Freud discorre sobre o conceito de atenção flutuante (FREUD, 2017). A atenção flutuante diz respeito a uma técnica para a escuta, na qual, invariavelmente, se presaria pelo maior grau de neutralidade possível. O objetivo para o psicanalista seria evitar a seleção previamente feita, e as intenções que servem como vieses na escuta. Como ressaltava Freud, quando não se preza por essa atenção flutuante “corremos o perigo de nunca achar senão o que já sabemos” (FREUD, 2017, p. 149). Voltados para a análise de discurso, de modo similar, Orlandi, sugere que, devemos almejar conduzir não uma análise objetiva, mas, ao invés disto, o menos subjetivo possível (ORLANDI, 1999).



## 5. ANÁLISES E DISCUSSÃO

### 5.1 CLARA AGUILAR

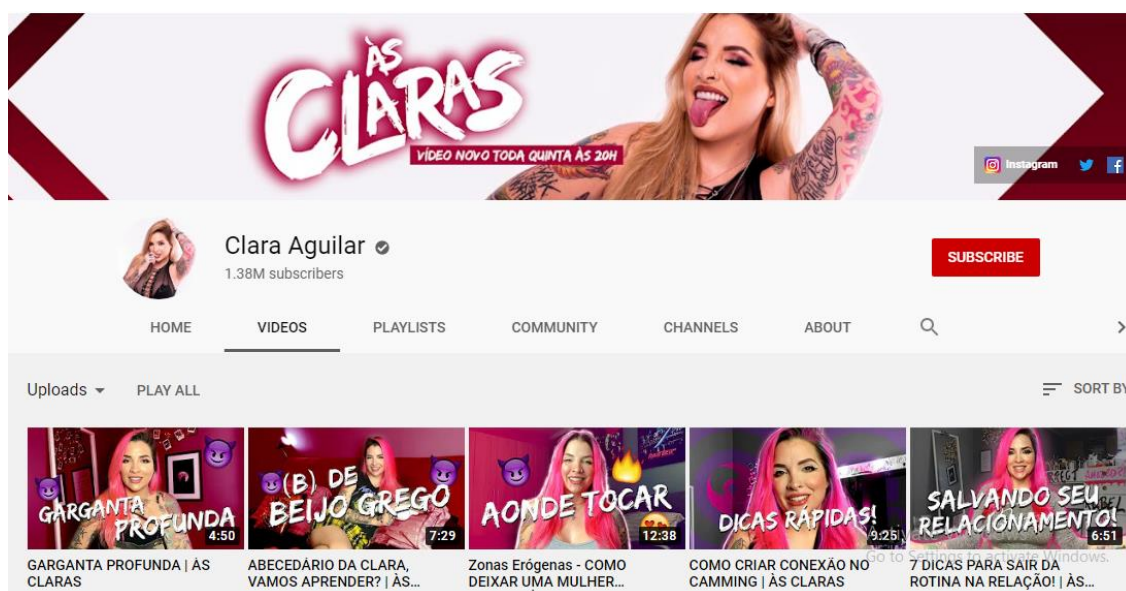


Figura 4 - Página no Youtube do canal “Às Claras”

Clara Aguilar iniciou sua carreira como camgirl e ganhou notoriedade mediante sua participação no reality show Big Brother Brasil (2014) do canal de TV Globo. Apesar de ter trabalhado também como DJ, ser mãe hoje de dois filhos, e ter projetos paralelos, o seu canal no Youtube se centrou ao redor da sua carreira como stripper virtual. O canal iniciou em 2015 com um vídeo introdutório<sup>23</sup> que explora o formato de vídeo blog, e anuncia uma produção de conteúdo por vir que se enquadra dentro desta proposta. Ao longo dos anos, o canal mudou de formatação e deu início a um segmento chamado “Às Claras”, na qual Clara Aguilar se posiciona como apresentadora em um formato de Talk Show e conduz entrevistas com atrizes do ramo, celebridades e youtubers. Seu primeiro vídeo deste segmento já foi com a ex-atriz pornô Raquel Pacheco, mais conhecida como Bruna Surfistinha<sup>24</sup>, algo que ressalta o fato de seus vídeos serem voltados a explorarem o cenário da pornografia nacional (mainstream e amadora), bem como consagra um primeiro canal de alguém do pornô com formato de Youtube no Brasil.

<sup>23</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=pqp4oxNL1X0> (Acesso em 20/10/2020)

<sup>24</sup> Atriz famosa por sua carreira na pornografia nacional e também pelo filme biográfico a respeito de sua história chamado “Bruna Surfistinha - O Doce Veneno do Escorpião” (2011).

Junto ao segmento “Às Claras”, a atriz desenvolveu outro segmento chamado “Diário de uma Camgirl” no qual ela explora relatos de sua carreira como stripper virtual. Já no primeiro vídeo<sup>25</sup> é possível ver que a formatação é diferente, pois todos enunciados são limitados a primeira pessoa “Eu” e, também, pois as interlocuções possíveis dizem respeito às especificidades da plataforma Youtube (respondendo a comentários, pedindo participação através dos botões de “gostei” e através da inscrição). Algo que continua de um segmento para outro, é natureza dos assuntos abordados que, a princípio, giram sempre em torno de experiências sexuais, relatos pessoais e temas adjacentes ao sexo. No entanto, entre o desenvolvimento de um segmento e outro, Clara veicula um vídeo que enseja uma maior abrangência temática no canal e, invariavelmente, uma posição política. O nome deste vídeo, criado em 29 de Maio de 2016, é “UM BASTA À CULTURA DO ESTUPRO! Clara Aguilar: (VLOG OPINIÃO)<sup>26</sup>” e ele é o vídeo a ser analisado por dispor justamente de uma proposta diferente àquilo que era veiculado até então e, ainda, de maneira explícita.

O vídeo, logo no primeiro segundo, já lança mão de uma locução diferente e indireta. Em forma de texto, e de uma maneira a assimilar uma mensagem de “aviso legal”, lê-se:

“Esse é um vídeo contra o machismo”

“Homens não se ofendam”

“O feminismo não é contra vocês”

“O feminismo também liberta os homens, para agirem como quiserem, sem que precisem se comportar como homens das cavernas só para se autoafirmarem!” (Transcrição nossa)

Este texto veiculado expõe, de antemão, a presença do interlocutor homem. Mais especificamente, esta enunciação em forma de texto, expõe um interlocutor em posição de defesa. Ao endereçar-se aos homens na forma do imperativo “não se ofendam”, buscou-se antever uma possível leitura discordante e, por isso, buscou-se explicar o que seria o feminismo na forma de um aviso. Cabe ressaltar que, este feminismo que é abordado é pressuposto como sendo desprovido de maior

<sup>25</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=wLIGPTGawBc> (Acesso em 20/10/2020)

<sup>26</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=fyqxbBOR2Ds> (Acesso em 20/10/2020)

especificidade. Não é um grupo de pessoas, não é um movimento, nem um dos muitos movimentos feministas existentes. Nesta enunciação, “feminismo” é uma palavra. Mais especificamente, dentro de um contexto de análise do discurso, “feminismo” é um significante.

A ideia de significante foi desenvolvida pelo linguista Suíço Ferdinand de Saussure em seu *Curso de Linguística Geral*. Para o linguista, os signos são compostos por duas partes: O significante, que é a “imagem acústica” e o significado, que é o “conceito” (SAUSSURE, 2018). Ambos juntos constituem um signo, que é como usualmente recorreremos às palavras, na medida em que se presume que aquilo que se diz já está definido e que pode ser compreendido. Assim, um significante seria visto como aquilo que reconhecemos pela forma, como no caso analisado “feminismo” que está separado de sua definição, ou, significado (como, por exemplo, “um movimento de emancipação das mulheres” ou “uma vertente filosófica”).

O significante “feminismo” está colocado dentro de um formato em que se desconhece o sujeito que o enunciou. Dito de outra maneira, a escolha por um texto na abertura do vídeo evidencia esta atribuição do enunciado “O feminismo não é contra vocês” a Outro. Este Outro que enuncia, pode ser entendido como o próprio feminismo que “vos-fala”, como em um movimento prosopopeico (no qual se personifica objetos). Desta maneira, pode-se entender que o sujeito falante que aparece depois, a própria Clara Aguilar, subscreve a estes enunciados sobre o feminismo, mas, ao mesmo tempo, reconhece-se a distância entre os enunciados e a enunciação da Clara, mantendo assim uma posição de poder necessária para o propósito posto, a saber, o de “acabar o machismo”.

Quando a Clara Aguilar aparece, em contraste com os vídeos até então feitos, mantêm-se a finalidade de falar para além do sexo, das experiências sexuais, ou de relatos pessoais. O vídeo é destituído do caráter pessoal com o uso do pronome “eu”, para ressaltar que aquilo que está sendo enunciado é maior do que apenas um sujeito falante. Ao longo do vídeo os pronomes utilizados são “nós” e “elas” (as mulheres). A formação discursiva (ORLANDI, 1999) que se desenha mediante a alteração dos pronomes é o da presença do feminismo e, mais que isso, um feminismo indefinido (não especificando quais preceitos, quais vertentes), porém reconhecido em seu caráter acolhedor e emancipatório. Relata-se o sofrimento das mulheres e da Clara inclusive, mediante o uso do “a gente”, e, em um movimento de

combate ao machismo, elencam-se vários exemplos de machismo presentes no cotidiano. Em especial cinco comportamentos machistas são listados, e o objetivo do vídeo se torna um incentivo a denunciar e não compactuar com o machismo. Neste deslocamento, o interlocutor com quem se fala é trocado. Não mais se fala apenas para homens, mas se fala também para mulheres. Mais especificamente, a Clara fala para mulheres que sofrem com o machismo.

Ao elencar os cinco comportamentos machistas a serem combatidos, Clara expõe que o segundo comportamento é o de “achar que o modelo de mulher é ser bela, recatada e do lar” na marca dos 3m25s. O termo não é arbitrário. Pelo contrário, o uso do termo diz respeito ao contexto de 2016, no qual uma matéria veiculada pela revista *Veja* gerou polêmica<sup>27</sup>. A matéria levava o termo “Bela, Recadata e do Lar” no seu título de forma a caracterizar Marcela Temer, a esposa do então vice-presidente Michel Temer. O termo ensejou um debate público a respeito daquilo que seria característica de uma mulher, e o que não seria. Dado o contexto do termo, veiculado em abril de 2016, e o seu uso no vídeo, veiculado em 29 de Maio de 2016, temos aqui caracterizado o uso de uma referência.

No entanto, o uso de referência do contexto nacional vai além de uma formação discursiva feminista, pois se insere dentro de uma formação ideológica maior. Uma vez que questiona-se o caráter prescritivo que este “modelo a ser seguido” enseja, o discurso é entendido como uma posição mais específica do que a feminista, por se questionar também a figura de Marcela Temer indiretamente. A prescrição de um modelo (ideal) de mulher ser o da figura de Marcela Temer é entendido como uma ideia presente na ideologia do Conservadorismo. Independente de um entendimento horizontal do espectro político composto pelo binário Direita-Esquerda, existe um outro binário que faz parte do imaginário político, a saber, o de Conservador-Progressista. Este binário aparece para além de políticas econômicas nos entendimentos rotineiros e diz respeito a entendimentos ainda mais subjetivos, como os de moral, costumes, cultura. Assim, ao se denunciar um ideal modelo de mulher (parte de uma ideologia conservadora), ao se posicionar explicitamente contra dizendo que “isso tá errado gente” (3m51s), a formação discursiva exposta se insere, por oposição, dentro de uma formação ideológica (ORLANDI, 1999) progressista.

---

<sup>27</sup> <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> (Acesso em 20/10/2020)

Na sequência, o vídeo apresenta o comportamento três, que diz respeito a “achar que uma mulher que se veste com roupa curta está pedindo para ser assediada” (3m56s). Enquanto locutora, a Clara dirige-se aqui:

“pros tarados de plantão que estão ai me assistindo, que não podem ver um decote, não podem ver uma saia curta que já saem fazendo comentários escrotos!” (Transcrição nossa)

Novamente, a Clara menciona o interlocutor homem, e apresenta, em seu enunciado, o tom da represália e da denuncia. Deste modo, a locutora evidência um momento imaginário de confronto, no qual este Outro possa rever suas atitudes, se sentir envergonhado, sentir arrependimento, e, possivelmente, corrigir suas ações. Este momento contrasta com o quarto comportamento elencado. O quarto comportamento é “achar que existe alguma razão no mundo que faça uma mulher merecer ser estuprada”. Sobre este tema, em contraste com o terceiro, a locutora deixa claro que não há correção, discussão ou diálogo possível. É dito, aos 4m36s:

“Gente sobre esse tópico acho que não preciso nem comentar né? Se você é o tipo de pessoa que acha que existe um motivo pra estuprar alguém você com certeza tem algum tipo de problema na cabeça. Você é um babaca. Você é um doente.” (Transcrição nossa)

De um tema para o outro, podemos entender uma mudança na locução. Se no tema três havia possibilidade de um diálogo com o interlocutor, no tema quatro é exposto um limite para o diálogo. Este limite para o diálogo remete à formação discurso feminista, mas ao mesmo tempo, aos discursos da democracia. Este enunciado é puramente político, à medida que o limite exposto diz respeito ao enunciado contrário. Dito de outra maneira, o interlocutor que acha que estupro possa ser justificado está às margens de qualquer possível convívio social. O surgimento desta pauta é de natureza intertextual. Pode se entender a discussão presente em 2016, ao redor do vídeo do então deputado Jair Messias Bolsonaro que proferiu a colega deputada Maria do Rosário “Jamais ia estuprar você, que você não merece”<sup>28</sup>. Desta maneira, mostrar que alguém assim seria um “babaca” ou um “doente” diz respeito à discussão sobre aquilo que seria público e privado (como um comportamento) e, ao mesmo tempo, diz respeito àquilo que seria pessoal e político.

<sup>28</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=RAuUtFRguxQ> (Acesso em 28/10/2020)

Por muito tempo, principalmente na história do feminismo, discute-se os limites entre o público e o privado. A filósofa feminista Susan Moller Okin evidencia isto, através de uma recapitulação histórica, ao explicar como o enunciado “o pessoal é político” esta presente, de uma forma ou outra, de maneira unanime nas pensadoras feministas, de diversas vertentes, nos anos 60 (OKIN, 2008). Assim, conscientemente ou não, traçar um limite com quem se pode ou não dialogar mediante um enunciado, reitera um discurso feminista, dentro de uma formação ideológica que não se limita a dicotomia conservador-progressista, pois diz respeito à (im) possibilidade de convivência. Dita de outra maneira, a mudança de tom com o interlocutor e o enunciado proferido diz respeito à uma formação ideológica social-democrata que preza pela preservação da autonomia do corpo, da civilidade, da Lei, e de um estado democrático de direito.

Por fim, Clara Aguilar elenca o último comportamento machista que ela busca denunciar no vídeo. O último comportamento é o de “chegar beijando ou meter a mão onde não é chamado” mostrado aos 4m49s. Esta ultima exposição do locutor resgata muito do que foi dito em outros temas e reitera o direcionamento aos homens que estão assistindo. É enunciado também, aos 5m07s que deve-se aprender que “não significa não”, frase que é referencia ao slogan “No Means No” iniciado no Canadá contra o assédio, o estupro, e os abusos em campus de universidade. Deste modo, o vídeo inteiro ecoa o discurso feminista de maneira aberta, em contraste com outros vídeos nos quais isto era apenas implícito, e além do mais ressalta um posicionamento político de Clara Aguilar, enquanto locutor e enquanto sujeito, através de reflexões sobre o feminino, sobre o corpo, sobre os sofrimentos das mulheres como guia para gerar enunciados contra o machismo.

A análise deste vídeo serve para reinterpretar os vídeos que seguem depois deste (de maio de 2016) e evidenciar a presença de formações ideológicas políticas, de maneira geral, e um discurso feminista implícito (e por vezes explícito) muito presente. É importante ressaltar que, mediante repetição deste discurso, o canal de modo geral acaba por re-posicionar os temas abordados como Pornô, Sexo, Sexualidade, Relacionamento e Trabalho dentro de uma determinada formação ideológica. Assim, se re-significa muitos temas que antes apenas dirigiam-se a um interlocutor (e porventura um consumidor de conteúdo pornô) homem, cis, e hétero de maneira passiva. O feito do canal, de modo imaginário, é trazer este interlocutor

homem para pensar outros assuntos, visitar alguns conceitos, ouvir relatos, através, justamente, de uma locução feminina.

## 5.2 QG DA DREAD

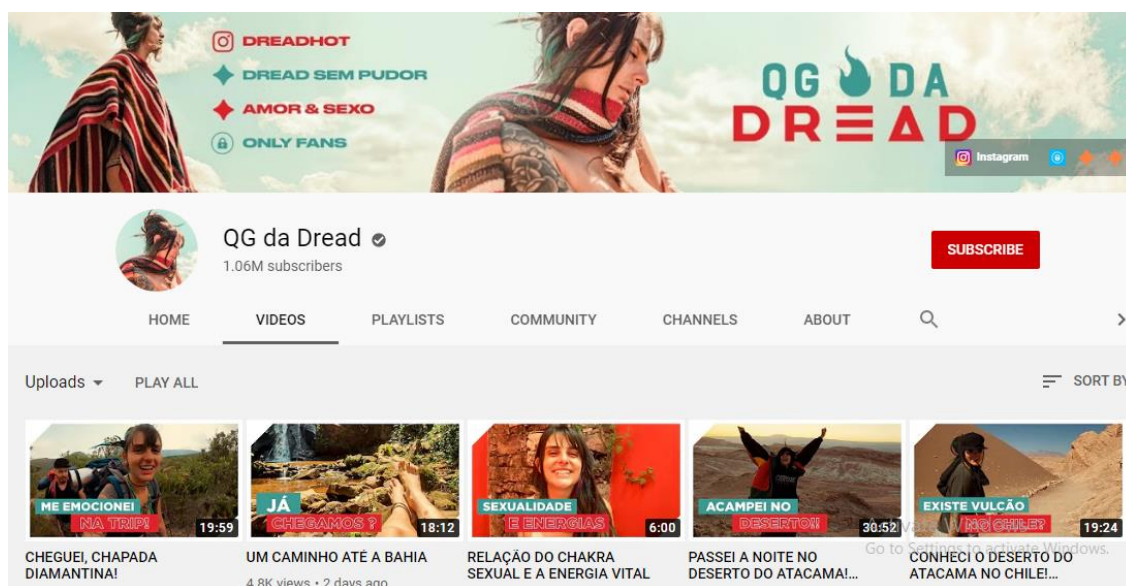


Figura 5 - Página no Youtube do canal “QG da Dread”

A atriz pornô, e camgirl, Vitória Schwarzelühr é conhecida pelo seu nome artístico Dreadhot. A atriz inicia sua carreira na pornografia em 2016, e obteve muito sucesso no ramo através do site CameraPrivê. Em 2018, Na esteira do sucesso do canal de Clara Aguilar, alguém quem serviu de inspiração e quem influenciou sua carreira<sup>29</sup>, Dreadhot cria um canal próprio no Youtube. Atualmente, o sucesso do canal é aparente devido ao número de inscritos, mas também devido às participações que a atriz Dreadhot tem outros canais de Youtube, como por exemplo, sua participação no programa de humor Porta dos Fundos<sup>30</sup>, e também em um clipe musical que leva o nome da própria atriz<sup>31</sup>.

A princípio, o seu canal começa com uma proposta de *travel blog*, algo que a diferenciaria do formato oferecido por Clara Aguilar. Estes vídeos são de natureza descontraída e aparecem como um trabalho de compilação de dos momentos pessoais da atriz em suas viagens. Estes vídeos contribuem ao todo do canal à medida que se associa viagens com significantes específicos como: Natureza, Positividade, Saúde, Rave, Iluminação, Experiência, Dreads, Felicidade, entre

<sup>29</sup> <https://www.metropoles.com/colunas-blogs/pouca-vergonha/conheca-dread-hot-a-musa-do-porno-empoderado>

<sup>30</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=lkGOKANuz7s> (Acesso 01/11/2020)

<sup>31</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=pzNcnhbKAow> (Acesso 01/11/2020)



outros. Deste modo, se constrói um canal com uma noção de locutor associado a uma ideia de “*good vibes*”<sup>32</sup>.

Esta colocação é importante, pois ela destaca uma associação inusitada entre a carreira de atriz pornô e camgirl e suas características pessoais, que conseqüentemente influenciam tanto o trabalho na pornografia quanto os outros vídeos do canal. É importante também ressaltar que, a princípio, a atriz estaria limitada a pecha de “atriz pornô”, o que por sua vez limita também a percepção que se tem da Dreadhot, da Vitória Schwarzelühr. Ela relata o sofrimento de ser vista enquanto “devassa”, ou “ninfomaníaca”, e como ela é comumente reduzida ao contexto do sexo, e faz questão de expor isso como algo que ela entende como um preconceito existente com atrizes pornôs<sup>33</sup>. Assim, ter significantes que não se limitam ao sexo associados ao canal e à atriz, se torna um fator importante para entender a peculiaridade do fenômeno comunicacional abordado.

Um primeiro quadro presente no canal foi “Passando a Bola”, que consistia em uma bate papo informal com diversos convidados, entre eles outras atrizes pornôs como Emme White, Mel Fire, Mia Linz, bem com seu namorado (o ator pornô conhecido como “Alemão”), e sua própria mãe. Entre os convidados deste quadro, que está a diretora pornô Mayara Medeiros<sup>34</sup>, diretora da companhia Xplastic, que é conhecida como um dos nomes de uma pornografia alternativa. A Mayara Medeiros chegou a ser entrevistada por Celso Loducca, sócio do projeto *Casa do Saber*, no programa “quem somos nós”<sup>35</sup> para falar a respeito de sua trajetória e seu trabalho na produção de uma nova forma de pornografia. Ela também é citada como influência pela Dreadhot<sup>36</sup>. Este programa “passando a bola” com Mayara Medeiros reitera alguns dos temas presentes em outros vídeos do canal, como o feminismo, como as críticas que existem à ideia de pornografia feminista, bem como a possibilidade de se pensar uma pornografia feminista.

---

<sup>32</sup> Termo em Inglês que significa “boas vibrações”, muito atrelado ao ideário do movimento hippie dos anos 60 nos Estados Unidos.

<sup>33</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=LC8O2ZyefLk> (Acesso em 01/11/2020)

<sup>34</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=uPJzF4cEEGM> (Acesso em 01/11/2020)

<sup>35</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=\\_xsNULAmKeQ](https://www.youtube.com/watch?v=_xsNULAmKeQ) (Acesso em 01/11/2020)

<sup>36</sup> <https://www.metropoles.com/colunas-blogs/pouca-vergonha/conheca-dread-hot-a-musa-do-porno-empoderado>

Fora os vídeos de viagem e o quadro “passando a bola”, o canal dispõe de quatro vídeos que chamam atenção devido ao caráter explícito cada um dos títulos. São eles “BENEFÍCIOS PARA A SAÚDE EM UM PORNÔ PARA TODOS”, “O EMPODERAMENTO DA MULHER EM UM PORNÔ PARA TODOS”, “RELACIONAMENTO SAUDÁVEL EM UM PORNÔ PRA TODOS” e “EDUCAÇÃO SEXUAL EM UM PORNÔ PARA TODOS”, todos lançados durante o segundo semestre de 2018. O título de um vídeo, cabe salientar, é um algo que induz a visualização e, mais ainda, consiste em uma primeira palavra significativa que conduz a leitura do vídeo enquanto um texto. Deste modo, a explicitude que os títulos carregam, invariavelmente, entram em choque com uma noção corriqueira de pornô, uma vez que associam significantes inusitados, como “benefícios”, “empoderamento”, e “educação” ao significante “pornô”.

O primeiro vídeo<sup>37</sup> desta tétrade “Um Pornô Para Todos”, oferece uma digressão sobre a crítica presente ao se estudar os efeitos do consumo de pornô para a saúde. O segundo vídeo<sup>38</sup> se debruça sobre as novas tendências no mundo da pornografia, e tenta listar exemplos de como estas tendências tem o intuito de reformular a indústria pornô e a pornografia como um todo. O terceiro vídeo<sup>39</sup> busca discutir como a pornografia pode ser um consumo feito em casal também, para então, elencar as melhores formas de consumir, escolher e assistir juntos. O quarto vídeo<sup>40</sup>, datado de Setembro de 2018, foi o escolhido para a análise deste trabalho. A razão pela qual se escolheu “EDUCAÇÃO SEXUAL EM UM PORNÔ PARA TODOS”, como mostraremos a seguir, foi por dispor de uma série de discursos distinto, mas que convergem dentro da proposta deste canal, acentuando, no processo, aquilo que será reiterado de 2018 até 2020 na produção de conteúdo do QG da Dread.

O vídeo inicia com a seguinte colocação:

“Falar sobre de sexo é falar sobre a nossa origem. É tentar traduzir em palavras toda trajetória da humanidade até os dias de hoje. Não é a toa que a história mais focada entre as religiões é justamente a trepada de um

---

<sup>37</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=LD6pCP3-ExI> (Acesso em 01/11/2020)

<sup>38</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=uysRSRf8eOU> (Acesso em 01/11/2020)

<sup>39</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=y1Un\\_xcnv4Q](https://www.youtube.com/watch?v=y1Un_xcnv4Q) (Acesso em 01/11/2020)

<sup>40</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=D1tuoBgQRt8> (Acesso em 01/11/2020)

casal. Segundo os religiosos, essa história de sexo não começou muito bem né? Já que foi o motivo da nossa expulsão do paraíso.” (Transcrição nossa)

De antemão, a escolha por introduzir o assunto do sexo através da temática da religião faz parte da peculiaridade do canal, uma vez que, através da religião, ou melhor, através do tom irônico com que se recorta o ponto de vista religioso, se expressa aquilo que seria uma posição crítica sobre a crítica ao sexo. O uso do marcador conversacional “né?” é importante neste momento, uma vez que demonstra a busca por uma concordância ao mesmo tempo em que, supostamente, se entrega o turno de fala ao interlocutor. Desse modo, a inferência anterior, a de que a “história do sexo não começou muito bem”, é colocada e já “confirmada”, e assim o interlocutor se torna cúmplice da digressão sobre a crítica à crítica religiosa do sexo.

Interessante também é o uso do pronome possessivo “nosso” para se referir a expulsão do paraíso, o que atesta novamente a busca por concordância com o interlocutor, e o compartilhamento de uma experiência de sexo (de pecado) com suas consequências morais comuns a todos. Deste modo, pressupõe-se do interlocutor um conhecimento da referência judaico-cristã presente no Gênesis da Bíblia. A intertextualidade atesta uma suposta univocidade no conhecimento da narrativa bíblica, mesmo que inconscientemente, uma vez que, o marcador conversacional “né?” foi utilizado anteriormente.

Na sequência, se constata um trabalho de edição que ironiza a narração bíblica da expulsão de Adão e Eva do paraíso. Assim, na marca dos 56 segundos do vídeo, a Dreadhot continua a dizer:

“Tristes, Adão e Eva, os pais das práticas sexuais, incentivados por Satanás, dão início ao que conhecemos hoje como civilização, mas antes disso, *Ele*, “criou” a Eva da costela do Adão. Por que, né? As mulheres sendo feitas da costela de um homem, ficariam mais submissas, segundo a *lógica* da coisa toda” (Transcrição nossa)

Colocar Adão e Eva como pais das práticas sexuais serve como argumento para ressaltar o advento da culpa, do pecado e, por consequência, da repressão do sexo que teria sido passado à humanidade. Este argumento é agravado ao citar a influência de “Satanás” que, dentro do contexto religioso, seria a presença do mal primevo no primeiro ato sexual. Esta locução serve também para introduzir a ênfase irônica dada a menção de Deus, na forma do pronome masculino “Ele”. A ironia, presente também nas aspas colocadas no verbo “criou”, serve, por sua vez, para

demonstrar um suposto caráter de “absurdo”, no sentido filosófico do termo aos moldes de Kierkegaard, que permeia todo o contexto religioso e sua “lógica”. O uso novamente de “né?” busca induzir a concordância, principalmente devido ao caráter polêmico do enunciado sendo exposto de maneira explícita, informal, e até, poderíamos dizer, pornográfica (no sentido de uma explicitude iconoclasta ou de uma libertinagem com um intuito de chocar). Esta concordância, no uso do marcador conversacional “né?”, mira para além da crítica da crítica religiosa, pois o absurdo diz respeito, antes de tudo, a ideia da submissão da mulher ao homem. Deste modo, reitera-se uma posição necessariamente oposta a esta premissa (algo que condiz com outros vídeos do canal e o posicionamento claro dentro do feminismo).

Deste modo, a locutora continua por ressaltar que, independentemente de ser uma narrativa bíblica, “É com esta percepção que muitos criam e educam seus filhos” (1m25s). A questão da educação aparece depois de se colocar o predicado sexual em pauta. Assim, a locutora indaga sobre a educação sexual que é passada às gerações atuais. O aspecto transgressivo da enunciação é aumentado à medida que a locutora se propõe a expor críticas na marca de 1m30s, como:

“As igrejas temem o sexo. Temem o seu próprio Deus. Desconhecem a nossa origem e sobrevivem de *mitos*. São pessoas se educando sexualmente com instituições religiosas que negam o sexo aos seus devotos. Ok. Entendemos com a nossa história que nossos antepassados não lidaram tão bem assim com as nossas energias sexuais.” (Transcrição nossa)

Ser temerário ao sexo é colocado aqui como algo a ser estranhado. Ser temerário ao seu “próprio” Deus, também. A escolha pelo uso do adjetivo “próprio” busca ressaltar essa estranheza uma vez que Deus seria, ou deveria ser, conforme a locutora, alguém próximo. Também, a ênfase dada na tonalidade da expressão “mito” é entendida aqui como um chiste, como mais uma demonstração do aspecto fantasioso ou irreal da religião. É inferido que, por ser mito, é menor seu status de verdade, e que isso consistiria em uma educação sexual ultrapassada e que demanda por reavaliação. Isso é reforçado à medida que se coloca o significante “igreja” e “instituições religiosas” em posição de sinônimos em posição de se “negar” o sexo. Por fim, o uso do marcador conversacional “Ok”, diferente dos usos anteriores, busca apenas organizar as ideias expostas, e concluí-las.

Desta forma, chega-se a conclusão que a história dos antepassados mostra que não se lidou bem com as “nossas energias sexuais”. A escolha pelo termo “energia sexual” não é arbitrária. A música de fundo de origem oriental, somada à crítica das instituições religiosas e, ainda, o uso deste termo, configura uma formação discursiva (ORLANDI, 1999) esotérica ou de uma “espiritualidade laica”. Isso será reforçado ao longo deste vídeo, e ao longo da história do canal em outros vídeos como “ATOR PORNÔ DE CADA SIGNO ft. Vitor diCastro”<sup>41</sup> e “RELAÇÃO DO CHAKRA SEXUAL E A ENERGIA VITAL”<sup>42</sup>.

Na marca dos 2min17s, após reforçar o legado de pobreza da educação sexual, a locutora pergunta “Como que a gente tá se educando sexualmente?”. A pergunta retórica reposiciona a digressão feita até o momento, em prol de se ater a questão da educação sexual, e tem a intenção de comparar o contexto atual com percurso histórico que enseja o presente. O propósito desta comparação é efetivamente feita explícita apenas depois, quando se busca responder em que medida é possível pensar o sexo de maneira diferente. A partir da marca de 2m30s:

“Como mulher atuando no cenário pornográfico, sinto que esta desconstrução ocorre no íntimo de cada um. Quando a sociedade consegue inibir que as pessoas toquem no seu próprio corpo, é o momento de nos observar com um pouquinho mais de cuidado. Mulheres com um pavor horrível de se masturbar. Homens com medo de sentir prazer anal. Se desenvolvermos dificuldades com nossa própria intimidade, o resultado deste comportamento é um total despreparo para se lidar com o outro. Sendo assim nossa interação sexual é absurdamente prejudicada. O sexo não é só um entra e sai mecânico. Sexo é movimento, comunicação entre corpos que mergulham no prazer de estar vivo. É um mergulho tão profundo no íntimo, que a sensação é de tocar o oculto, tocar a alma do outro.”  
(Transcrição nossa)

Esta digressão passa a apresentar alguns significantes que ilustram a pluralidade de discursos presentes neste canal de maneira geral. No início, quando o sujeito toma o lugar do locutor, e enuncia “como mulher”, de modo a mostrar um sujeito oculto “eu”, o que se busca é apresentar o caráter íntimo desta fala, e o advento da experiência pessoal que busca dar validade a digressão como um todo. O locutor se apresenta como mulher, como atriz pornô, e como alguém que busca desconstruir inibições colocadas pela sociedade, como é elencado depois a respeito

<sup>41</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=TqIGMdGjVog> (Acesso em 01/11/2020)

<sup>42</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=AWv2c\\_MwU8k](https://www.youtube.com/watch?v=AWv2c_MwU8k) (Acesso em 01/11/2020)

do “pavor horroroso de se masturbar” e do “prazer anal”. Neste sentido, um discurso recorrente, neste e em outros canais de atrizes pornôns, seria o da liberdade sexual.

A liberdade sexual, enquanto discurso, pode estar associada à sexualidade, a atos sexuais, a costumes sexuais, ou a interpretação de sexo, contanto que se coloque em pauta a repressão, o pudor, ou a opressão existente. Assim, este discurso se configura de maneira a incentivar o questionamento de tabus sexuais e, neste caso específico, de nomear uma origem a estes tabus (no caso o argumento seria uma educação sexual datada e / ou religiosa). Mais ainda, este discurso coloca o sexo, mais especificamente a falta de educação sexual para lidar com a intimidade, como cerne de um problema maior de alteridade, o que é demonstrado na afirmação “o resultado deste comportamento é um total despreparo para se lidar com o outro”.

Quando a locutora se indaga sobre o sexo, a formação discursiva (ORLANDI, 1999) da espiritualidade laica se repete e incorpora a liberdade sexual como uma de suas características próprias. Isto é reforçado, talvez inconscientemente, à medida que se busca idealizar o sexo. A idealização do sexo que ocorre é em prol de se diferenciar o sexo oriundo de uma educação sexual danosa (religiosamente atribuída), de um sexo “secular”. No entanto, a ironia deste movimento é trazida à tona quando se coloca o significante “alma” na descrição de uma sensação. Ao se diferenciar aquilo que seria “mecânico” daquilo que seria “um mergulho no prazer de estar vivo”, invariavelmente se atribui ao sexo, e à educação sexual, um cunho de experiência maior, que não se limita ao mundano, ou, dita de outra maneira, esotérico. Cabe notar que, esta formação discursiva é sintomática de uma pós-modernidade e / ou de uma crise de referenciais simbólicos. Assim, ignora-se o caráter idealizado que se atribui ao sexo (mas que poderia ser atribuído a outros aspectos da vida), mas reconhece-se um caráter irreal na narrativa bíblica, por exemplo, ou na supressão do sexo por instituições religiosas, tal como a locutora se propõe a pautar.

Ainda, após elencar os benefícios que este sexo (idealizado) pode trazer, a locutora, na marca dos 3m50s, faz menção ao “magnetismo pessoal” presente nas “nossas forma de comunicação, expressão e ação”, e como o sexo contribui para desenvolver essas áreas. Assim a locutora segue, mais uma vez, reiterando a formação discursiva de uma espiritualidade laica, para então destacar o problema da educação sexual para “crianças”. A locutora diz, 3min52s:

“Essas crianças, hoje, nem são educadas sobre o sexo, e quando essas ganham mais liberdade, encontram esse caminho através de sites pornográficos gratuitos, onde passa um pornô que denigre a imagem da mulher, e que mostra que quanto mais violência, melhor o sexo. Mostram orgasmos fingidos, sem nenhum apelo emocional, tanto pra quem assiste, quanto pra quem atua. Xvideos galera? Não, né? Por favor, não. Nós somos capazes de consumir algo bem melhor do que isso. É possível sim, e já está acontecendo” (Transcrição nossa)

Um último discurso presente seria o de crítica a um pornô normativo. Como existe em muitos outros vídeos do canal<sup>434445</sup>, e de outros canais também, este discurso vem na contramão de uma crítica generalizada à pornografia, e propõe defender mudanças nos padrões de consumo, de produção, bem como na concepção da pornografia. Como a locução expõe, as “crianças” seguem um “caminho” que reforça uma noção prejudicial e violenta do sexo. Desta vez, ao invés de se atribuir a responsabilidade de um entendimento de sexo danoso a instituições religiosas, se atribui a responsabilidade a uma nova normatividade presente na própria pornografia. Assim, a locutora exemplifica como um prejudicial o site Xvideos, e apela ao interlocutor que não consuma os vídeos deste site. O significante “gratuito” aparece, mas não é de modo algum arbitrário, uma vez que se busca distinguir um “pornô possível” (porém já existente) de um pornô prejudicial, e para tanto este significante seria uma forma de garantir que exista uma pornografia melhor. Assim, o vídeo segue o movimento de idealização do sexo (presente anteriormente através da formação discursiva da espiritualidade laica), mas desta vez idealizando o trabalho de profissionais, não nomeados, que buscam reformular a produção pornográfica, concluindo por fim que, aos 4m58s:

“Através destes indivíduos interessados em um novo cenário, toda pornografia se transforma e pode ser, sim, muito, muito, muito educativa pra todos nós. E ai gente? É hora de pensar um pouquinho né? Vamo refletir sobre isso? Vamo refletir sobre o quê que a gente tá fazendo com nossos filhos, com nossos amigos, com nossos pais, com nossos namorados e namoradas. Vamo refletir só um pouquinho vai. Vai procurar alguma coisa

<sup>43</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=y9oSbcEptMo&t=15s> (Acesso em 01/11/2020)

<sup>44</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=RyZpLtzHi78> (Acesso em 01/11/2020)

<sup>45</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=9EnpXZVZL2o> (Acesso em 01/11/2020)

melhor. Vai procurar um conteúdo que seja educativo pra todo mundo. Beleza?" (Transcrição nossa)

Por fim, a locutora busca finalizar o tema da educação sexual com um convite ao interlocutor. É feito um fechamento da temática com a resposta de que existe um pornô que contribua para uma educação sexual. A locutora constata que, mediante uma pornografia melhor, e distante da pornografia normativa e gratuita, dentro de um "novo cenário", é possível criar tendências que, por influencia de seu sucesso ou inovação, possam "transformar" a pornografia como um todo. Mais ainda, as locutoras se atem a seu interlocutor e reitera um convite para questionar "o que a gente tá fazendo", de modo a aludir a padrões de consumo de pornografia, e de padrões de educação sexual para com "nossos filhos, nossos amigos, nossos pais, namorados e namoradas". O uso do adjetivo possessivo "nosso" é essencial neste momento para solicitar simpatia por parte do interlocutor, e para inferir a existência de uma queixa comum quanto à pornografia existente, reiterando o discurso crítico, para então utilizar do tom imperativo, como em "Vai procurar um conteúdo que seja educativo para todo mundo. Beleza?".

Este vídeo, tal como o canal QG da Dread, reproduz uma série de discursos que tangem o sexo, sexologia, a sexualidade e a pornografia, ao mesmo tempo em que lançam mão de outros discursos, e significantes, inusitados como de viagens, espiritualidade, de raves, de cultura pop, de astrologia, de política, de tatuagens, etc. Este vídeo em particular faz um percurso que mistura alguns discursos, mas muitos outros vídeos são temáticos e mais descontraídos, mas que, por sua vez, reiteram uma forma presente de expressão e, mais ainda, reiteram o caráter pessoal da atriz Dreadhot, enquanto sujeito, em suas colocações. De modo geral, então, o canal oferece mais do que se esperaria, de antemão, de uma atriz pornô, e busca dialogar com vários temas adjacentes à pornografia, enquanto ao mesmo tempo expõe o trabalho sendo feito dentro da pornografia, sempre reiterando o diferencial daquilo que a Dreadhot produz, e daquilo que seria uma pornografia normativa e prejudicial.



### 5.3 MEL FIRE

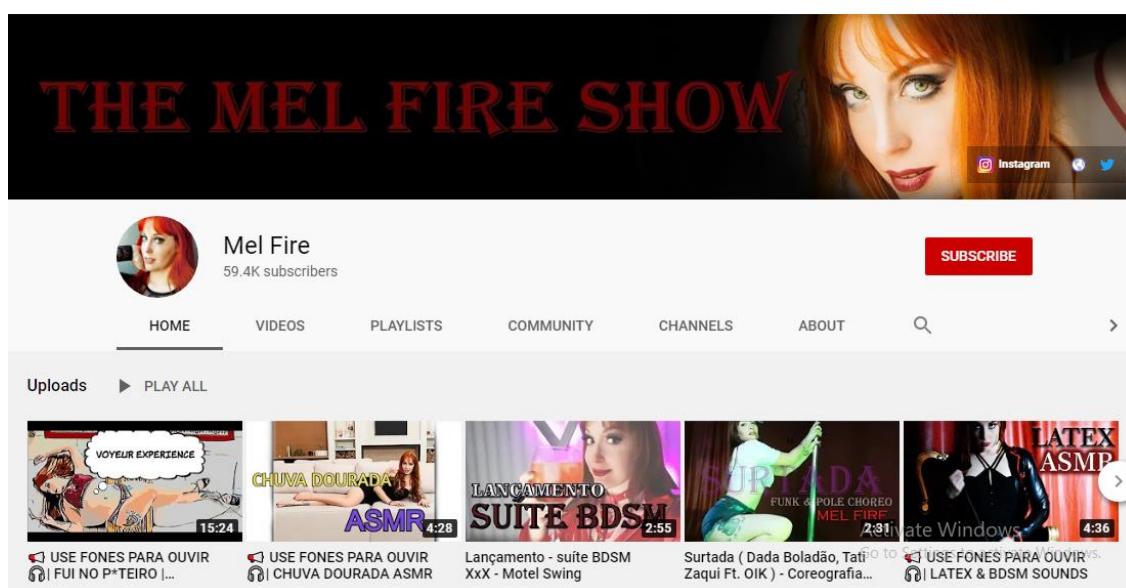


Figura 6 - Página no Youtube do canal “Mel Fire”

The Mel Fire Show é o nome dado ao canal da atriz pornô, camgirl e Dominatrix<sup>46</sup>, Mel Fire. Ela relata ter começado sua carreira na pornografia após uma desilusão amorosa, na qual seu ex-namorado divulgou fotos íntimas suas sem sua permissão<sup>47</sup>. Depois de passar um período “trancada em casa chorando”<sup>48</sup>, Mel relata ter utilizado deste momento na vida como uma oportunidade para seguir um novo rumo. Ela ingressou no pornô com vistas a trabalhar com um nicho específico do qual ela já tinha conhecimento, a saber, o BDSM (*Bondage, Discipline, Dominance and Submission, Sadoomasochism*). Após ser reconhecida por seu trabalho na indústria pornográfica, vencendo o prêmio brasileiro do Sexy Hot<sup>49</sup> por melhor cena de orgia, Mel inicia seu canal no Youtube e sua trajetória enquanto produtora de conteúdo em 2018.

<sup>46</sup> Dentro dos conjuntos de atos sexuais conhecidos como BDSM (Bondage, Discipline, Dominance and Submission, Sadoomasochism), Dominatrix, ou Domme, seria a figura de da dominadora. O termo é comumente associado à profissionais que podem ser contratados para performarem atos de dominação.

<sup>47</sup> Ato hoje conhecido como pornografia de vingança, e tipificado enquanto crime de compartilhamento indevido de conteúdo gerado por terceiros (Lei Federal nº 12.965/2014 art. 21).

<sup>48</sup> <https://www.uol.com.br/universa/videos/2020/09/11/sexoterapia29-mel-fire.htm>

<sup>49</sup> <https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2018/08/09/mel-fire-fala-sobre-trabalhar-na-industria-porno-tenho-minha-independencia-e-nao-dependo-de-ninguem.htm>

É interessante notar um pouco do contexto de superação pessoal que Mel Fire mobiliza em entrevistas, pois, logo de início, em seu primeiro vídeo no canal, Mel trabalha com a proposta de explicar atos e hábitos sexuais vistos como *underground*. Mais especificamente, Mel, tanto em sua imagem, quanto em sua fala, demonstra sua predileção e participação em atos BDSM e em uma subcultura que gira em torno destes atos sexuais. Assim, seu primeiro vídeo é sobre Fetiches sexuais estranhos<sup>50</sup>, e é válido destacar a proposta, muitas vezes presentes em outros canais também, de se explicar o sexo. Neste sentido, vê-se formar um aspecto da locutora, e de outras locutoras também, que seria de uma sexóloga, ou de um discurso da sexologia. Este discurso diz respeito à presença de um “notório saber” por parte daqueles que trabalham com sexo, sem necessariamente falar mediante uma validação institucional *stricto sensu*. Este discurso é recorrente, e leva em consideração os atos sexuais performados por aqueles profissionais do sexo e, desta maneira, configura uma especificidade para cada locutor com base nas suas experiências sexuais (mostradas ou relatadas). Este discurso é feito explícito no canal, já de início, mediante uma análise previa de títulos como “O que é Podolatria”<sup>51</sup>, “O que é *Ballbusting*”<sup>52</sup>, “Hibristofilia: Atração Sexual Por Criminosos”<sup>53</sup>, “Fetice por Cocegas”<sup>54</sup> e outros tantos.

O canal em si não dispõe de quadros específicos como outros porventura dispõem. Invés disso, o que se vê são vídeos temáticos. No entanto, todos carregam o subtítulo de “The Mel Fire Show” e alguns formatos de vídeos são recorrentes. O formato de entrevista, que existe também no canal da Clara Aguilar e QG da Dread, é apresentado (inclusive com participação das outras atrizes dos canais aqui expostos), tal como vídeo de viagens pelo mundo e em eventos. O diferencial do canal da Mel Fire são os significantes que se encontram veiculados aos vídeos, e que acabam por especificar formatos de vídeos tidos como comuns, à medida que se associa a eles a temática da sub-cultura do BDSM e outros atos sexuais não-

---

<sup>50</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=bg2LXpLd\\_xs](https://www.youtube.com/watch?v=bg2LXpLd_xs) (Acesso 03/11/2020)

<sup>51</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=XNK0SfBmAgo> (Acesso 03/11/2020)

<sup>52</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=8lIttBHhrWQo> (Acesso 03/11/2020)

<sup>53</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=-crgox75Y6I> (Acesso 03/11/2020)

<sup>54</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=2ouDLdrF5cU> (Acesso 03/11/2020)

normativos. Isso é feito explícito mediante vídeos como “Fetiches Na Africa do Sul”<sup>55</sup>, “Orgia em Veneza”<sup>56</sup>, “A Minha Semana Fetichista em Montreal”<sup>57</sup>.

Outro elemento a ser entendido no canal de Mel Fire diz respeito a uma tendência do meio, Youtube, que criou um formato de vídeo e uma nova profissão em consequência, a saber, os vídeos de ASMR e a profissão de ASMRtist. Tal como explicamos antes, ASMR (*autonomous sensory meridian response*) diz respeito a vídeos que induzem relaxamento, sono ou estímulo audiovisual, e foi tópico de discussão em 2017 de modo geral, mas que, já em 2018, contava com mais de 13 milhões de vídeos neste formato<sup>58</sup>. Mel Fire, como muitas atrizes pornô e Youtubers de modo geral, se utilizam deste formato de vídeo com narrativas próprias e personalizam o conteúdo a ser feito para um vídeo ASMR. Dentre os temas escolhidos, Mel faz vídeos inusitados de ASMR sobre podolatria, Tatuagem, BDSM e outras fantasias e fetiches sexuais, chegando até a fazer um vídeo para reproduzir uma música da icônica banda de metal industrial Rammstein na forma de uma declamação de poema em ASMR.

Em Julho de 2019, Mel veicula um vídeo recorrendo, já na titulação, ao discurso da sexóloga. O vídeo em questão se chama “O QUE É GOLDEN SHOWER | CHUVA DOURADA | The Mel Fire Show”<sup>59</sup> e foi escolhido por convergir alguns dos temas presentes em outros vídeos, ao mesmo tempo em que faz referência as peculiaridades de um contexto político específico. O vídeo, antes de ser visualizado, já lança mão de uma referência visual do contexto do carnaval brasileiro de 2019, mais especificamente ao contexto de uma mensagem publicada pelo Presidente Jair Bolsonaro no twitter no dia 06 de Março. O tweet do Presidente perguntava “o que é Golden shower” e causou uma comoção no espaço público<sup>60</sup>. Lançando mão da posição de saber que se tem ao se assenhorar do discurso (FOUCAULT, 1996) da sexologia, a primeira fala se dirige ao interlocutor em meio a um cenário que a

---

<sup>55</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=l7PMut7LMhk> (Acesso 03/11/2020)

<sup>56</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=KfGpK\\_izMhc](https://www.youtube.com/watch?v=KfGpK_izMhc) (Acesso 03/11/2020)

<sup>57</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=ZS4VGRRqoHs> (Acesso 03/11/2020)

<sup>58</sup> <https://www.sciencedaily.com/releases/2018/06/180621101334.htm>

<sup>59</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=Gmryz2VFOWI> (Acesso 03/11/2020)

<sup>60</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/o-que-e-golden-shower-pergunta-bolsonaro-apos-publicar-video-polemico.shtml>

retrata Mel Fire como “professora” do sexo. O interlocutor, neste primeiro momento, é feito explícito e personificado:

“Aqui é Mel Fire, e este vídeo é direcionado às excelentíssimas pessoas míticas que não sabem o que é Golden shower. E se você também não sabe o que é Golden shower, até o final deste vídeo você vai descobrir. (Transcrição nossa)

Ao utilizar de adereços como “excelentíssimas” e “míticas”, a locutora busca ironizar os títulos conferidos institucionalmente e popularmente, respectivamente, a Jair Bolsonaro. Esta proposta de ironizar o presidente em exercício é acentuada à medida que se constata o não-saber deste. O fato de se ironizar as titulações do Presidente, invariavelmente, mescla dois discursos em andamento, o primeiro da sexóloga (que confere poder a locutora ao posicioná-la na posição de alguém que ensina), e o discurso da crítica ao Presidente. Pouco depois na sequência do vídeo, ambos discursos são reforçados; ainda, a assimetria entre a locutora e o Presidente, no que diz respeito à saberes, é feito explícito novamente, e em tom de crítica acentuada, aos 1m08s:

“Aqui na minha sala, eu recebo muitos alunos desse conhecimento dourado. Lembrando que é muito melhor aprender com uma pessoa que sabe do assunto que descobrir através do *Twitter*.” (Transcrição nossa)

Nesta rápida colocação, são muitos os discursos que se acumulam. Dentro da narrativa construída, mediante o discurso da sexóloga, a locutora se constata enquanto professora do sexo (algo que alude à sua imagem e profissão de Dominatrix também). Assim, a sua sala de aula consistiria no local em que se performa atos sexuais, e os alunos seriam aqueles que recorrem à locutora enquanto Dominatrix. O chiste feito ao aludir a um “conhecimento dourado”, busca colocar o golden shower em si, o ato sexual com urina, como sendo requisitado pelos alunos. Este chiste configura uma forma muito específica de fala/escrita que é ressaltada por Susan Sontag em sua busca por redimir a literatura pornográfica (SONTAG, 2015), a saber, a forma do (discurso) pornográfico. O discurso pornográfico buscaria aludir ao sexo, seja de forma explícita ou não, mantendo o teor de choque no seu propósito. Mais ainda, o discurso pornográfico, aos moldes de

um cânone literários como Sade, buscaria equilibrar a sátira ou ironia, e explicitude sexual. Estes aspectos são, portanto, mesclados ao discurso crítico ao Presidente, ao se buscar distinguir aquilo que seria uma forma de aprendizado válido, reconhecendo-se aqueles que de fato sabem (o que é golden shower), daquilo que seria um aprendizado irregular (que a locutora ressalta através do seu tom irônico ao se referir ao Twitter).

Enquanto o discurso pornográfico e o discurso da sexóloga podem ser mobilizados dentro de uma miríade de contextos, o discurso da crítica ao Presidente é mais do que aparenta. O fato de se defender quem sabe, em detrimento daqueles que não sabem, e que recorrem às mídias sociais como o Twitter para informação, enseja uma defesa de certas instituições de saber, e uma noção de institucionalidade. Deste modo, pode-se entender que, no simples ato de ironizar uma fala cômica e um contexto engraçado com alusão ao pornográfico, se mostra presente uma formação ideológica liberal-progressiva, que entende o lugar do sexo na sociedade enquanto um fato a ser aceito, e não estranhado, independente da forma com que é mostrada, tal como entende que o lugar de se aprender sobre sexo é mediante pessoas com saberes apropriados.

O feito deste canal, de modo geral, é trazer atos sexuais periféricos em discussão. O fato de se tratar os assuntos de modo descontraído e, por vezes, pornográfico, possibilita a suspensão de uma inicial repulsão a temáticas sexuais inusitadas e desconhecidas, na medida em que se mantem certos referenciais comuns ao interlocutor, e na medida em que se busca mobilizar uma forma explicativa e compreensiva sobre os temas abordados.

## 5.4 BARBARIDADE NERD

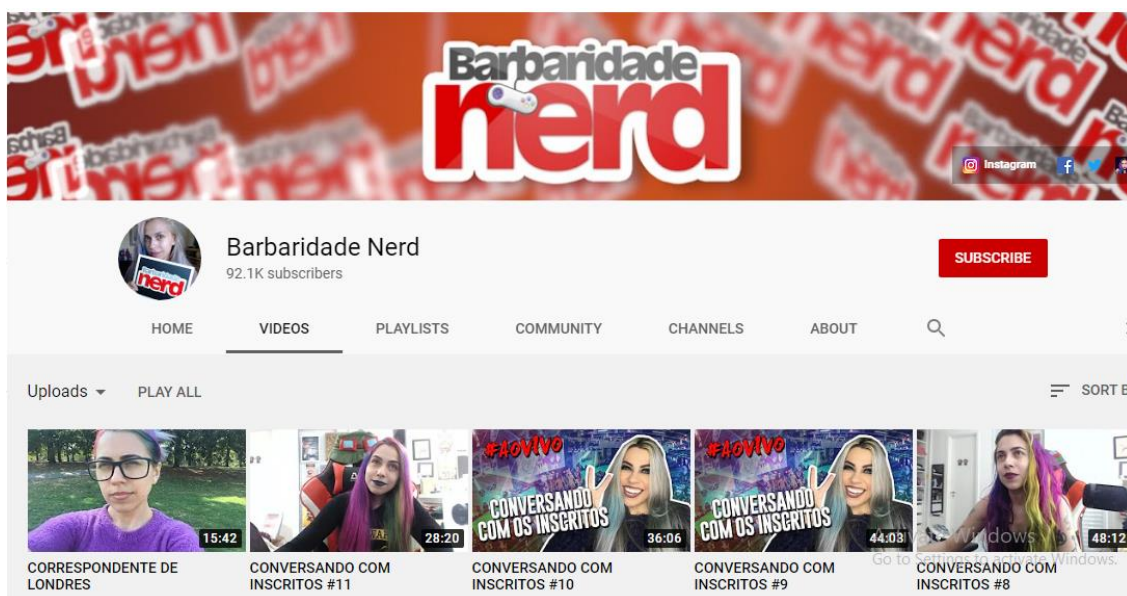


Figura 7 - Página no Youtube do canal “Barbaridade Nerd”

Vanessa Danieli é ex-atriz pornô, influenciadora, profissional de marketing digital e Youtuber. Conhecida como Barbara Costa dentro das produções pornô, Vanessa iniciou sua carreira no ramo em 2011 e trabalhou em diversas produções do subgênero da pornografia conhecido como “hardcore”. Desde suas primeiras produções, a atriz carregava a distinção de ser considerada “alternativa” devido a suas tatuagens, cor de cabelo, e interesses de modo geral que apareciam porventura nas roupas ou no cenário. Em 2016, último ano de sua passagem pela pornografia, Vanessa inicia um canal no Youtube com vistas a explorar seus interesses pela sub-cultura conhecida como “nerd”. “Barbaridade Nerd” contava com a junção de sua passagem pela pornografia, explicitada através do jogo de palavras entre “barbaridade” e seu nome de carreira “Barbara Costa”, tal como seus interesses pessoais. Dentro deste cenário, o canal tinha inicialmente nenhuma menção explícita à pornografia, pois, como se descobriu depois<sup>61</sup>, Vanessa buscava pouco a pouco a se desvencilhar de sua carreira na pornografia.

A princípio, aos inscritos, constava-se que o canal tinha uma proposta única e exclusivamente “nerd”. Os formatos de vídeos explorados condiziam com outras tendências presentes no Youtube, tal como vídeos de reação (React), vídeos de

<sup>61</sup> <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2019/03/ex-atriz-porno-prepara-biografia-sou-julgada-sempre.html>

gameplay, e vídeos em eventos como a *Comic Con Experience*. Apesar de ter um público que, em sua grande maioria, conhecia sua trajetória na pornografia, o canal buscava redimensionar os significantes que se associavam à “Barbara Costa” (nome ainda utilizado no começo do canal) e limita-los ao contexto nerd.

Estas constatações são importantes para uma leitura mais refinada do canal, pois desde o início se enxerga uma forma de interação com o interlocutor muito peculiar, a saber, excessivamente sincera. Em alguns vídeos, “Barbara Costa” expõe seus medos, seus traumas, e seu passado (sem necessariamente mencionar a pornografia). Ela relata sua condição com transtorno disfórico pré-menstrual e suas constantes batalhas com a automutilação, as tentativas de suicídio, e a depressão<sup>62</sup>. De antemão, independente de se mencionar a pornografia ou não, este aspecto do canal diz respeito a uma forma de “nudez” pouco encontrada de modo geral, menos ainda para alguém que teoricamente já teria exposto tudo que seria possível fisicamente. Esta nudez é de constante demanda dentro de um contexto de mal-estar da civilização ou de crise da hipermodernidade, pois possibilita ao interlocutor tanto o exercício de empatia e alteridade, quanto o exercício de reconhecimento e des-estranhamento àqueles que porventura padeçam do mesmo mal. Assim, certos canais dispõem de uma característica singular de mobilizar afetos, criar identificações e pautar fragilidades, e estes estão presente no canal “Barbaridade Nerd”.

Ao acompanhar suas últimas falas sobre a pornografia em 2016, participando também do canal da Clara Aguilar<sup>63</sup>, fica evidente o intuito de distanciar uma carreira (a pornô) da carreira como Youtuber na medida em que existe uma falta de intertextualidade entre os dois. A falta de referência de um aspecto à outro acentua uma espécie de vida dupla, porém com um nome comum, a saber, a “barbara” de “barbaridade nerd”. Em um ponto de saturação, após internações em hospitais psiquiátricos e denúncias de cyber-bullying<sup>64</sup>, além da constante queixa de ser limitada ao contexto pornográfico e ser vista apenas como atriz pornô, Vanessa,

---

<sup>62</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=DmjBjgwPAoY> (Acesso 01/11/2020)

<sup>63</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=OsBdZqv5gec&t=339s> (Acesso 01/11/2020)

<sup>64</sup> <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2019/03/ex-atriz-porno-prepara-biografia-sou-julgada-sempre.html>



abandonando seu nome de carreira pornô, faz um vídeo no qual relata sua história pessoal.

Este vídeo, criado em Outubro de 2018, foi escolhido por ser um dos poucos com menção à pornografia, bem como por ser um marco na história do canal como um todo. O vídeo, intitulado “TODA A VERDADE SOBRE MIM!”<sup>65</sup> conta com um cenário típico de vídeos de relato. A câmera está focada na locutora, e o cenário é o de um ambiente em que se vive. O relato conta também com um trabalho de edição descontraído, e com uma maquiagem e fantasia de Cosplay<sup>66</sup> de Harley Quinn<sup>67</sup>. Na marca dos 20s, a locutora começa a dizer:

“Esse vídeo se chama Toda Verdade Sobre Mim. Já fazia um tempo que eu queria fazer esse vídeo. Então vamo logo: Eu já fui atriz de filmes adultos. Pra quem não sabe, a maioria de quem tá aqui me seguindo normalmente me segue por causa disso. Eu chamo de filmes adultos porque filme pornô...não sei. Acho melhor falar assim.” (Transcrição nossa)

A locutora demonstra em sua reticência em usar o significante “pornô”, um aspecto de vergonha ou de arrependimento, bem como uma tentativa de diferenciar aquilo que ela fazia (trabalhar com o sexo) de algo que não a deixa confortável (trabalhar com o “pornô”). A falta de script e de ensaio é feito explícito mediante a digressão sobre “filmes adulto-pornô”, bem como nas pausas e no uso do “não sei”. Esta primeira locução tem o efeito de introduzir o interlocutor a uma posição de escuta, e de colocar Vanessa em uma posição de relato ou confissão.

Assim, em seguida, aos 45s, a locutora coloca outra verdade em pauta ao dizer “meu nome não é Barbara. Nem Barbara Costa, nem Barbara Nerd”. A locução reforça o teor de relato, uma vez que a pauta é única e exclusivamente sobre “eu” e “meu”. Mais ainda, o momento em que se apaga o nome até então veiculado, diz respeito a mais do que a produção de um vídeo, mas configura, ao ver deste trabalho, uma espécie de catarse assistida. Deste modo, o sujeito, Vanessa, busca re-significar o seu passado de atriz pornô, que persiste no nome do canal que alude à “Barbara Costa”, em algo novo. Este momento, e o jogo de palavras, lembra o

<sup>65</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=XgJsa8C-dDU&t=544s> (Acesso 01/11/2020)

<sup>66</sup> Costume Play, uma tradição típica da sub-cultura nerd, na qual as pessoas se vestem de seus personagens de quadrinho, desenho, jogos ou anime preferidos.

<sup>67</sup> Personagem icônico da revista em quadrinho Batman, que foi largamente reproduzido por cosplayers depois de 2016, após o lançamento do filme Suicide Squad (Esquadrão Suicida).



relato presente no documentário a respeito da vida, e das análises, de Jacques Lacan intitulado “Rendez-vous chez Lacan” (2011), dirigido por Gérard Miller. Neste documentário é relatado como uma analisanda de Lacan, Suzanne, re-significou o significante “*Gestapo*”, que diz respeito a policia secreta nazista da segunda guerra, com o entendimento de “*geste à peau*”, que é homófono, e significa “gesto a pele” em Francês. Em uma comparação, Vanessa busca desatrelar seu canal, “Barbaridade Nerd”, de “Barbara costa”, e dar outro sentido ao espaço que ela usa para se expressar.

A ressignificação que é buscada é feita explícita mediante a colocação posterior aos 56s de que:

““Estou fazendo este vídeo, Toda verdade sobre mim, por que não quero mais ser a Barbara, não quero mais falar como Barbara, e não quero mais me expor como Barbara. Foda-se que eu fiz filme pornô. Eu quero que as pessoas vejam a Vanessa. Eu”. (Transcrição nossa)

O relato é forte, e é do entendimento deste trabalho que há mais do que uma produção de um vídeo neste momento. O sujeito ao enunciar o Eu, também demonstra o tu (BRANDÃO, 2015); no entanto, além disto, ao dizer que quer que as pessoas vejam “a Vanessa”, em terceira pessoa, e depois “EU”, o que se vê é uma tentativa de estabelecer a representação direta com o objeto, a referência com referente. Ao tentar costurar os dois juntos, nota-se o exercício de uma afirmação para um interlocutor diferente. O interlocutor é importante, ainda mais no contexto maior de uma cultura participativa (JENKINS, 2009) que a plataforma Youtube propicia. No entanto, no exercício desta atividade enunciativa específica, o sujeito, que é cindido (BRANDÃO, 2015), e que ocupa a posição de locutor, fala também para si mesmo. Assim, o locutor (e seu próprio interlocutor) compõe uma espécie de solilóquio, no qual o outro, antes uma apenas uma função, pode ou não ser alguém que visualiza o vídeo.

O vídeo segue a relatar sobre seu marido, e sobre o quanto ele a conhece de verdade. É relatado, e frisado, que isto ocorreu depois que ela saiu da pornografia. Em sequência, Vanessa busca explicar o porquê deste vídeo, reiterando que o canal tomaria um novo rumo a partir deste momento, no qual “eu estou falando dessa forma, da forma que EU estou falando” (2m9s), e na qual “a Barbara morreu” (2m11). A locutora relata ainda como a Barbara, foi apenas uma personagem, e que tudo que se passou antes era uma mentira que suprimia a Vanessa de existir. A

afirmação de que “toda história que foi contada na mídia foi mentira” (2m30s) também soma-se ao relato. O vídeo reforça em mais momentos como a verdade está sendo dita pela Vanessa, e que as entrevistas concedidas por Barbara são mentira, para então dar a dimensão da gravidade da situação pela qual a locutora passou em sua transição para fora da pornografia:

“Antes de me tornar aposentada pornograficamente, eu tentei me matar. De uma forma assim... Eu já tava planejando minha morte... meio que tipo... quantos vidros de Rivotril eu tenho que tomar pra cair do prédio onde eu morava. Se eu não tivesse encontrado o Daniel, se eu não tivesse postado no Youtube, se eu não tivesse pintado estas formas logo depois de aposentar, talvez eu não tivesse aqui te contando meu nome verdadeiro. Eu já tinha me preparado pra tudo. Cartas, separando material, vendo como que eu ia fazer né, com minhas roupas, com minhas coisas, pra quem eu ia doar. Eu ia deixar tudo bonitinho. Se sobrasse alguma coisa do meu corpo que fosse doado para ajudar outras pessoas. E eu pensava nisso friamente. É porque realmente eu não via sentido algum em viver depois de ter sido Barbara Costa. Por que eu odiava Barbara Costa. Sempre odiei.” (3m36s)  
(Transcrição nossa)

A gravidade do relato pessoal se torna cada vez maior. As analogias apresentadas são vívidas, e o relato frio do planejamento envolvido em volta de um suicídio é mais vívido ainda. Compartilhar uma história de vida pessoal, uma história de superação, e toda sua fragilidade e força ao mesmo tempo, configura aqui um discurso motivacional. Este discurso tem por característica a curadoria de experiências de vida, inicialmente com um aspecto trágico, que podem contribuir para ensinamentos, superações e inspirações para os interlocutores. É de se notar também, algo efetivamente pós-moderno, que é o fato do próprio meio de comunicação, o Youtube, ter contribuído para salvar uma vida, conforme narra a locutora. O discurso motivacional, a busca por mobilizar afetos e alteridade, é feito explícito depois aos 5min22 quando a locutora diz que “quero usar minha história como inspiração e motivação”. A locutora ressalta também que este interlocutor “pode não ter feito pornô”, mas pode mesmo assim estar infeliz consigo mesmo. Esta colocação exemplifica, junto ao todo do relato, como a pornografia em si, a razão de existir a Barbara Costa, é motivo de infelicidade de Vanessa.

Em sequência, ao se referir a sua história como algo a ser contado ainda, ao longo de mais vídeos, a locutora destaca seu canal e sua narração como algo para servir de exemplo para evitar tragédias, algo “didático” e não “erótico”, como ela diz aos 6m25s. Deste modo, vê-se um desenhar um discurso anti-pornografia em forma

de um “Cautionary tale”<sup>68</sup> da Vanessa Danieli. O discurso anti-pornográfico é acentuado ao longo da carreira de Youtuber de Vanessa Danieli, e em 2019 chega ao ponto de participar de um debate com a atriz Dreadhot a respeito dos males que a pornografia causa e causou a sua vida<sup>69</sup>. No entanto, apesar de estar presente para além do vídeo analisado, o discurso anti-pornográfico aparece inicialmente como um ressentimento, um trauma ou a causa de um sofrimento. Neste sentido, se vislumbra imiscuir o discurso motivacional e anti-pornográfico, à medida que se ressalta o sofrimento presente, e se utiliza dele como exemplo para evitar novas tragédias.

Por fim, a locutora agradece aqueles que acompanharam a Barbara Costa e auxiliaram ela a conseguir prêmios e reconhecimento, ela agradece também aos fãs de Barbara Nerd (o primeiro nome usado no canal), e por fim ressalta que precisou sofrer com estas personagens para hoje poder estar falando diretamente como Vanessa. Desta maneira, ao utilizar o vídeo como uma forma de sepultamento da personagem pornográfica Barbara Costa, Vanessa abre espaço para se reintroduzir ao seu canal. Isto é feito de maneira explícita, e em um formato de solilóquio como mencionado antes, quando a locutora diz: “Eu quero dar boas vindas a mim mesma, Vanessa Danieli” aos 8m47s.

O feito deste canal é no âmbito da produção de sensibilidade e produção de conscientização sobre as possíveis fragilidades de quem está produzindo conteúdo no Youtube. Cabe ressaltar também que o formato de relato em mais vídeos, e o conteúdo voltado a entretenimento e jogos, acabam por ser re-contextualizados a partir de 2018 com o vídeo analisado, e se enxerga uma nova forma de condução e de explicitação de opiniões, posições políticas, ideais, e mais relatos. Deste modo, ao invés da locutora se limitar a falar sobre assuntos do mundo nerd, Vanessa se posiciona hoje como “feminista” (4m46s), “defensora da causa LGBT” (4m48s) e “defensora dos animais” (4m50s), além de se posicionar contra a pornografia.

---

<sup>68</sup> Termo em inglês, do contexto do folclore, utilizado para descrever contos que tem um intuito de alertar o interlocutor para os males do mundo. Como exemplo, pode se pensar o conto de Charles Perrault “Chapeuzinho Vermelho”.

<sup>69</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=FI7108KoK6o> (Acesso 01/11/2020)

## 5.5 EMME WHITE

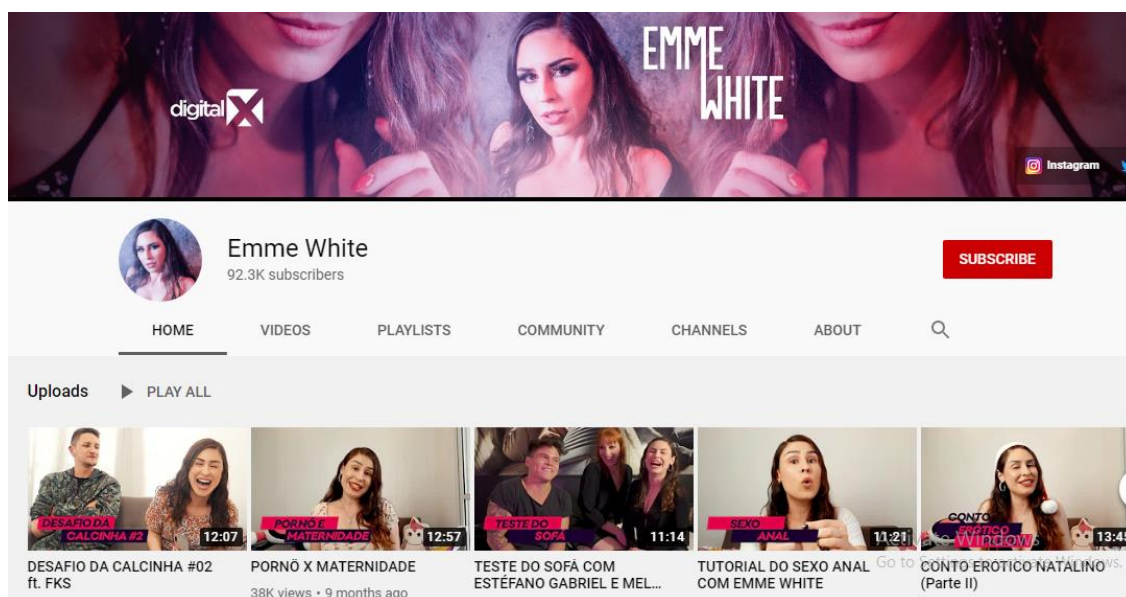


Figura 8 - Página no Youtube do canal "Emme White"

Emmeline Rodrigues, nascida em 1981, é atriz pornô (há 5 anos) e camgirl (há 11 anos) e atua com o nome Emme White. Desde o início de sua carreira, Emme havia feito diversas aparições em vários canais já existentes, como de Dreadhot, Camila Aguilar e Mel Fire. Somados a isso, a atriz acumulou diversos prêmios Sexy Hot dentro de categorias diversas, e conquistou um espaço significativo na indústria pornográfica nacional. No entanto, foi apenas em Dezembro de 2019 que a atriz criou um canal no Youtube e seguiu com uma produção de conteúdo própria. O canal, apesar de não contar com o mesmo número de inscritos de outras atrizes, tem vídeos com bastante visualização devido ao sucesso da atriz, que hoje produz seus próprios filmes e protagoniza, junto a outras mulheres, um movimento de mudança do cenário pornográfico nacional através de produções feministas, que por sua vez visam criticar o male gaze excessivamente presente até então<sup>70</sup>. O sucesso de Emme, portanto, pode ser encontrado em suas participações e no reconhecimento de seu sucesso no ramo. A exemplo disto, a atriz também chega a participar de um sketch do programa de humor no Youtube Porta dos Fundos<sup>71</sup>.

<sup>70</sup> <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/11/24/sou-feminista-atriz-porno-produzo-meu-conteudo-e-adoro-o-que-faco.htm>

<sup>71</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=rv9-tj6y2iQ> (Acesso 02/11/2020)

A princípio, o canal dispõe de muito conteúdo similar aos canais de Clara Aguilar, Dreadhot e Mel Fire. Existem poucos vídeos desde o início do ano, mas os que foram produzidos tem temática sobre o sexo, o erótico e a pornografia. Ao se apresentar em um vídeo inaugural<sup>72</sup>, Emme relata a sua história pessoal que a trouxe a atual profissão. Ela relata que sua trajetória começa devida inicialmente a uma indecisão quanto a profissões e rumos a seguir. Este fato contribui ao todo à medida que se enxerga alguém que gosta da sua profissão atual, e faz questão de denunciar o preconceito que sofreu ao escolher aquilo que seria o melhor caminho para si.

O vídeo escolhido deste canal, diz respeito a um contexto muito específico da trajetória desta atriz. Em 2018, em meio a gravações e produções, Emme revelou que estava grávida. Ela continuou sua carreira e relata ter sofrido muito preconceito, mais do que o habitual, devido a suas escolhas<sup>73</sup>. A naturalidade com que pessoas sentiam-se a vontade para julgar Emme, por atuar grávida, deixou-a estarecida. Com isto em mente, Emme cria em 2020 um vídeo para falar sobre sua experiência atuando durante a gravidez, e as dificuldades de se conciliar a profissão como atriz pornográfica e mãe de bebe.

A requisição de um vídeo com esta temática se deu, vale ressaltar, devido à interação com o público em outra rede social, o Instagram. Deste modo, é importante notar que a cultura de convergência (JENKINS, 2009) não diz respeito somente à possibilidade de se divulgar trabalhos pornográficos em uma plataforma como o Youtube, mas também diz respeito à possibilidade de se suplementar um meio deficitário em inscritos, com outro no qual exista um excedente, e gerar interação através de uma plataforma (Instagram) para outra (Youtube).

O vídeo escolhido para análise se chama “PORNÔ X MATERNIDADE”<sup>74</sup> e incide em um tema muito pouco explorado dentro da pornografia, tal como pouco explorado no espaço público de modo geral. A figura da mãe, e a maternidade por consequência, são associadas a significantes específicos, e, por sua vez, de difícil dissociação. Entender que a criança dispõe de sexualidade foi uma quebra de tabu estabelecido pela psicanálise, mas que até hoje resiste em ser levada em conta.

---

<sup>72</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=73j6aPsdGtQ> (Acesso 02/11/2020)

<sup>73</sup> <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/05/12/prestes-a-ser-mae-atriz-porno-gravida-rebate-criticas-eu-me-cuido.htm>

<sup>74</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=msmvgyed54c> (Acesso 02/11/2020)

Quando o assunto é maternidade e a sexualidade da mãe, bem como o pleno exercício sexual da gestante, o assunto padece de resistência similar no imaginário.

A locutora se propõe a “explicar” sua busca por conciliar maternidade e carreira de atriz pornô, com detalhes e relatos pessoais sobre sua trajetória neste contexto. Assim, desde o início do vídeo, há um choque com o interlocutor que porventura desconheça o canal, pois, há uma forma de enunciação completamente desinibida e fluida. Seja ao conduzir com naturalidade o fato de se trabalhar com pornografia durante a gestação, seja ao narrar as tarefas e as dificuldades esperadas de uma mãe. O primeiro caminho que introduz esta naturalidade e, conseqüentemente, atesta a formação de um discurso peculiar, se dá aos 26s:

“Já quando eu estava grávida, eu comecei a fazer uma poupança lá, né? Porque a minha profissão tem seus prós, e um dos contras é que a licença maternidade não é remunerada. Então o pessoal que me criticou aí, por que eu continuei filmando, por que eu continuei transmitindo pelo Cameraprivê... É meu trabalho né gente. Eu precisei fazer minha poupança lá. Afinal de contas, pra mim é um trabalho como outro qualquer.” (Transcrição nossa)

O discurso que se desenha diz respeito à posição de uma trabalhadora, antes de tudo. O discurso da trabalhadora diz respeito a reconhecer as dificuldades que seu ramo, qualquer que seja, oferece, e atestar sua responsabilidade e profissionalismo ao fazê-lo. No entanto, o trabalho em questão é relacionado ao sexo. Isto demonstra uma formação mais específica, e que ganha espaço no debate público em países europeus e nos Estados Unidos. Mais especificamente, o discurso diz respeito às trabalhadoras do sexo (*Sex Workers*). Este discurso vai para além do trabalho normal, uma vez que aponta as dificuldades materiais específicas do ramo, além de, no processo, evidenciar o preconceito sofrido e os tabus presentes quando se trabalha com o sexo. A locutora, nesse sentido, direciona-se ao “pessoal que me criticou aí”, de modo a expor este preconceito e reiterar, com naturalidade, a des-idealização do ramo da pornografia.

Neste movimento de des-idealização, mediante o discurso da trabalhadora do sexo, constata-se muito mais do que uma dificuldade material do ramo. No processo, des-idealiza-se a maternidade também, uma vez que uma trabalhadora do sexo também pode ser mãe. Algo que agrava este movimento posto para o interlocutor, seria o fato de se naturalizar também que esta mãe não deixa de ser

menos responsável por trabalhar com sexo, nem deixa de ter sexualidade por ser mãe.

Ainda neste sentido, sobre a maternidade, a locutora continua a confrontar outro tabu dos interlocutores, que em grande parte espera-se que conheça seu trabalho na pornografia. A locutora mobiliza tanto o discurso de trabalhadora do sexo, quanto o discurso de mãe, e confronta o interlocutor com seu consumo, não de modo a reprimi-los, mas sim de naturalizar tanto o consumo quanto a produção de pornografia. Isto é feito evidente a partir dos 3m14s. Após relatar mais especificidades do seu relacionamento com o pai de sua filha, A locutora busca mostrar sua volta ao trabalho dizendo:

“Depois dos 4 meses eu já comecei a poder logar no Cameraprivê alguns momentos, quando ela tirava uma soneca eu aproveitava e logava. Não por muito tempo né. O áudio era sempre desligado, enquanto ela esteve em casa. Por que, sei lá né? Não me sentia a vontade pra ficar gemendo e fazendo coisas do tipo né? Mesmo ela sendo bebe e estando em casa. E aí ele ficava com ela aqui na sala, e eu transmitia lá do quarto no Cameraprivê de boas.” (Transcrição nossa)

Fica evidente ao interlocutor que consuma qualquer produto pornográfico de Emme White, que existe, portanto, um espaço para além do cenário de filmagem. Os “bastidores” contam com problemas de logística, acústica, administração de tempo e dinheiro, bem com a disposição de afeto e a responsabilidade de se prover por um bebe. O uso do marcador conversacional “né?” conduz o interlocutor pelo relato, e expõe às limitações do seu imaginário até então, na medida em que dificilmente se pensa sobre os nuances em volta de um trabalho sexual como o das camgirls.

Em sequência, o vídeo segue descrevendo os nuances que concernem o cuidado com a filha de Emme, Alice, e como certas escolhas foram feitas para propiciar uma infância boa a esta criança. O discurso de mãe é mais proeminente, e talvez até inconsciente, à medida que se entra em digressões sobre a qualidade da escolinha que a Alice frequenta, sobre a dificuldade de não se ter família próxima para ajudar a cuidar, e sobre a necessidade de se procurar uma babá com cuidado e com maior seletividade. Mais ao final, a locutora relata as mudanças de rotina que ela teve ao se tornar mãe, e reitera a experiência de se amar o filho e de mudar de prioridade em decorrência deste amor. Como a locutora diz 11m05, “o centro da minha vida é ela”. Vale ressaltar, ao final do vídeo, que a locutora diz “Eu tô feliz

gente”, recapitulando suas decisões de vida e o trabalho árduo que é equilibrar maternidade e trabalho.

Um canal que expõe os bastidores de uma produção pornográfica tem, de antemão, uma possível contribuição para o imaginário daqueles que consomem pornografia. No entanto, o feito deste canal é de naturalizar, des-idealizar, tanto a produção da pornografia, quanto outros aspectos que tangem o ramo do trabalho sexual. Associa-se ao contexto da pornografia, mediante a proposta do canal, significantes inusitados como “maternidade”, “trabalho”, “família”, “felicidade” e até “amor”. Somado aos significantes, os discursos de mãe e de trabalhadora do sexo constituem um seriedade e responsabilidade que nem sempre são associados à pornografia. Isto é reforçado à medida que a locutora faz questão de exemplificar e explicar como ela é boa mãe e boa profissional também. Ao final, o enredo e narração descontraídos, sem perder de vista as posições assertivas, contribui para um canal distinto dos outros apresentados até então.



## 5.6 DISCUSSÃO

Neste momento, cabe salientar que a existência de tantos canais, com tantas propostas diferentes, histórias diferentes e formatos diferentes, inexoravelmente, dificultam uma exposição peremptória de um panorama sobre atrizes pornô no Youtube. Deste modo, o reconhecimento de um discurso em um vídeo, significa o desconhecimento de discursos em muitos outros. Dado a proposta de se expor um panorama sobre um fenômeno comunicacional novo, com vistas a entender aquilo que as atrizes pornôs dizem em seus canais de Youtube, é necessário ressaltar que toda e qualquer tentativa de quantificação dos achados escapa da proposta em mãos. Dito de outra maneira, o objetivo continua ser o menos subjetivo possível (ORLANDI, 1999), no entanto, à medida que as análises esboçam um cenário, tendências, ou um contexto até então não examinado, ainda assim, de longe, não esgotam a possibilidade de analisar e de re-analisar tanto os vídeos escolhidos, como os canais expostos.

Feito a ressalva, o dispositivo de interpretação (ORLANDI, 1999), voltamos a repetir, forma o corpus a ser examinado, conduz a análise, expõe os achados, de maneira singular, ao mesmo tempo em que expõe muito daquele que analisa no processo também. Deste modo, busca-se agora, então, listar novamente quais discursos são presentes e de que maneira, porventura, se enlaçam. Também busca-se expor quais discursos divergem entre si. Finalmente, pretende-se expor quais caminhos são apontados, e que, futuramente, necessitam de mais atenção analítica, rigor filosófico e curiosidade acadêmica para ser devidamente discutida.

Primeiramente, o discurso feminista é mais do que recorrente, ele é intrínseco a uma tendência nacional que hoje se desenha. Todos os canais analisados, em um momento ou outro, apresentam o discurso feminista de modo explícito ou implícito, em um vídeo ou porventura em outro. Cabe novamente a constatação de que, este feminismo que é recorrente em Clara Aguilar, Dreadhot e Mel Fire, é desprovido de uma maior especificação. No entanto, recorrentemente se diferencia de um discurso feminista que critica a pornografia, algo apontado como diretamente oposto a estas atrizes e seus respectivos trabalhos (a exceção da ex-atriz Vanessa Danieli e sua posição anti-pornográfica).

Assim sendo, podemos constatar que a existência deste discurso remete a uma concepção de feminismo em consonância com a liberdade sexual feminina, defendida por todas, com a autonomia da mulher e de seu corpo, e também com vistas à luta contra o machismo. Não se identifica, no entanto, uma posição que verse sobre as dificuldades materiais da mulher, como exposta, por exemplo, na queixa de Emme White sobre a falta de uma licença maternidade na profissão, autônoma, de camgirl. Neste sentido pode-se entender que há uma indefinição, um vazio, no que tange uma demanda material feminista neste discurso. Por consequência, assinala-se um movimento parafrástico (ORLANDI, 1999). A paráfrase é entendida enquanto um exercício de fazer uma afirmação, seja fala ou texto, de maneira nova, com palavras diferentes, com uma forma distinta, mas que diz respeito a algo já dito. Este movimento, referente à paráfrase, se define pela presença de um “retorno aos mesmos espaços do dizer” (ORLANDI, 1999). Dito de outra maneira, há uma estabilização que suprime um uso novo ou “criativo” de linguagem. Aplicado ao discurso feminista apresentado, é entendido que existe uma falta de especificidade intrínseca a este discurso, e que é fruto de uma memória (PÊCHEUX, 2015) específica, que abstêm de colocações de ordem materialista (o que contrastaria este discurso com aquele de um feminismo marxista).

Apesar de não se pautar certos temas mediante o discurso feminista, existe uma posição política presente na mobilização deste discurso. Por mais que não exista uma especificidade maior ou uma demanda explicitamente posicionada dentro de um espectro político, é inevitável a interpelação do sujeito pelo político em toda atividade enunciativa, saiba o locutor disto ou não. Ao fazer referência à “bela, recatada e do lar” Clara Aguilar se posiciona politicamente. Ao citar narrativas bíblicas e questionar seus ensinamentos no âmbito da educação sexual, Dreadhot se posiciona politicamente. Ao mencionar que “é muito melhor aprender com uma pessoa que sabe do assunto que descobrir através do Twitter”, Mel Fire explicita sua posição política e ironiza um Presidente da República. Ao finalmente validar sua própria fala e dizer “sou feminista” ou “sou defensora da causa LGBT”, Vanessa Danieli coloca seus ideais políticos em pauta. Ao se mostrar contra as críticas existentes ao se trabalhar com a pornografia enquanto gestante, Emme White demonstra, tal como as outras atrizes, se posicionar politicamente. Neste sentido, ressalta-se a progressividade comum nos canais expostos, bem como a

convergência dos discursos frente a um puritanismo ou a uma forma de conservadorismo.

Há também uma convergência entre discursos no que tange o sexo. A este respeito, cabe notar, há uma transgressividade presente ao se questionar padrões vigentes em formas de tabus. O tabu da sexualidade da gestante é questionado através da Emme White, com sua narrativa de si mediante um discurso de mãe e de trabalhadora sexual. Há um questionamento dos hábitos sexuais oriundos do consumo de uma pornografia mainstream em Dreadhot em meio a uma original digressão cultural-religiosa. Existe também uma tentativa de se atestar a existência de parafilias sexuais em Mel Fire. Mais ainda, há uma tentativa, por parte de Mel Fire, de normalizar algo que seria visto como ato sexual periférico através de uma encenação de professora detentora do discurso da sexóloga. Neste sentido, os discursos convergem em meio a contextos diferentes, mas sempre ao redor do sexo. Isto significa que, os canais de modo geral, se prontificam a discutir a sexualidade, o sexo na cultura, os hábitos sexuais, bem como a própria indústria pornográfica da qual fazem parte.

Ao atestar a possibilidade de discussão dos temas adjacentes ao sexo, vale ressaltar que, a pornografia em si que pauta esses temas de modo crítico é constatada enquanto tendência. Curiosamente, atesta-se, inconscientemente, na fala de Dreadhot sobre uma nova pornografia, um mecanismo de alastramento. Ao se produzir um pornô diferente, ideologicamente proposto em oposição a uma normatividade na pornografia, entende-se que “toda a pornografia se transforma”, conforme a fala da Dreadhot, pois coloca-se em cheque certas saturações presentes na pornografia. A parte, a pornografia alternativa, influenciaria no todo, e poderia alterar o cenário e suas repetições. Apesar de precisar de um trabalho diferente para atestar a existência ou não deste movimento, vale ressaltar que uma tendência parecida se mostra presente no discurso institucional de certos sites de pornografia. O Pornhub, por exemplo, recentemente veiculou uma propaganda da criação de um espaço para educação sexual e discussão em seu site oficial, tal como em sua página no Youtube<sup>75</sup>, o que por sua vez atestaria a possibilidade de uma mudança vislumbrada por Dreadhot tal como pelas outras atrizes em suas críticas à indústria.

---

<sup>75</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=XXO1LCjvNyU&list=WL&index=61> (Acesso 01/11/2020)

Como comenta Emme White, e como reaparece no canal da Clara Aguilar, Dreadhot e Mel Fire, o pornô normativo (ou mainstream) reforça certos corpos, certos atos sexuais, e visa muito o prazer do homem em detrimento da mulher<sup>76</sup>. Portanto, na esteira de uma crítica de uma pornografia normativa, vislumbra-se a formação de novas tendências na pornografia<sup>77</sup>. No entanto, por mais que se mude o olhar na pornografia, e por mais que os canais de atrizes pornôs atendam ao meio e passem por um processo de “popização”, um processo de mudança ainda entra em conflito com um discurso anti-pornográfico.

O trabalho da crítica viabiliza a subsunção, do que quer que seja, mediante um processo dialético em que se desvela uma verdade. No caso de se subsumir a pornografia, a crítica se torna necessária para toda e qualquer possibilidade de redenção, ou desenvolvimento de algo novo. No entanto, existem discursos que não possibilitam tal processo, uma vez que detêm uma intransigência imanente, e uma vez que são posicionados de maneira diametralmente oposta. Este seria o caso do discurso anti-pornográfico existente no âmbito da discussão sobre a pornografia. A existência de um discurso diametralmente oposto à pornografia diz respeito a uma necessidade, principalmente pela possibilidade de se revelar detalhes que muitas vezes são esquecidos ou reprimidos dentro da pornografia. Para aqueles que mobilizam o discurso anti-pornográfico a necessidade é desde sempre aparente.

O discurso anti-pornográfico aparece de fato no canal Barbaridade Nerd de modo singular. Todo o relato de Vanessa Danieli atesta um grau de angústia inimaginável. As causas deste sofrimento, dentro da atividade enunciativa analisada, diz respeito à criação de um personagem para as atividades na indústria pornográfica. Este personagem gera desgosto, sofrimento, estranhamento por parte da locutora, e fomenta a criação de um discurso para além da crítica ao pornô. O sofrimento narrado por Vanessa Danieli é parte de um discurso que visa alertar para os perigos do ramo, bem como os bastidores daquilo que é consumido acriticamente e, portanto, não pode convergir com um discurso de crítica que busca criar algo novo.

---

<sup>76</sup> <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/11/24/sou-feminista-atriz-porno-produzo-meu-conteudo-e-adoro-o-que-faco.htm>

<sup>77</sup> <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/09/14/atriz-feminista-revela-bastidores-do-porno-nao-tem-como-ficar-com-tesao.htm>

Em contraste com todos outros vídeos do canal Barbaridade Nerd, que lançam mão de temas alheios à pornografia, o vídeo analisado expõe uma trajetória sofrida, mas uma trajetória de poder também. Ao se assenhorar de seu próprio nome, ao “sepultar” um alter-ego, se valida uma posição de fala e suas colocações futuras. Neste sentido, o vídeo que marca um recomeço e uma re-apresentação de si, marca também a possibilidade de dizer “odeio a Barbara Costa”, de dizer “Foda-se que fiz pornô” e de se colocar em oposição a algo que não tem possibilidade de redenção, acordo, ou volta, a saber, a pornografia.

A respeito de uma posição intransigente, vale ressaltar a proposta presente no vídeo exposto de Clara Aguilar. Ao se criar um vídeo para dizer “Basta”, aponta-se para aquilo que seria impossível de perdoar, de aceitar ou de presenciar. Uma proclamação como esta atesta um poder na fala, tal como existente no vídeo de Vanessa Danieli. Neste sentido, há uma convergência de discursos distintos, à medida que relatam problemas distintos, mas que necessitam de uma intransigência de modo a cessar qualquer negociação ou desculpa. Para Clara Aguilar, não existe negociação com quem “acha que existe um motivo pra estuprar alguém”, enquanto para a Vanessa não há negociação com um personagem pornográfico, um passado na pornografia e um nome para atuar na pornografia.

Por fim, cabe concluir que, conforme uma pergunta que orienta este trabalho, “O que diz o pornô?”, O pornô, mediante sujeitos falantes que participam ou participaram da pornografia, diz de si e demonstra, tal como todos os sujeitos, convergências, divergências, cisões e estranhamentos. Quando se expõe um problema cultural como o machismo, quando se expõe os problemas de uma indústria pornográfica normativa, quando se expõe a ignorância quanto a um ato sexual, quando se expõe a criação de uma personagem para trabalhar na pornografia e quando se expõe os problemas trabalhistas do ramo da pornografia, em todos momentos sem exceção, se fala, se produz discurso, e se atesta um desejo de ser ouvido.

Cabe aqui, em prol de valorizar aquilo que foi dito, aquilo que se diz, e que será dito, atestar uma condição estruturante da linguagem, a saber, o esquecimento (ORLANDI, 1999). O esquecimento diz respeito tanto à ilusão referencial (quando se acredita que as palavras apontam as mesmas coisas para todos), quanto à ilusão de deter uma fala inaugural, inicial, ou primeira (ORLANDI, 1999). Quando se fala, se esquece de que fala, e se esquece de que as palavras que nos são apresentadas

existem antes de nós. Deste modo, todas as atrizes e ex-atrizes pornôs podem acreditar, em seus vídeos, que elas controlam aquilo que dizem, os discursos que são mobilizados, e, mais ainda, aquilo que se entende. No entanto, o esquecimento (ORLANDI, 1999) é parte da linguagem, e atesta a necessária possibilidade de desentendimento daquilo que é dito.

Colocado de outra forma, todas as exposições das atrizes, tal como toda atividade enunciativa, é construída a partir da possibilidade de serem entendidas pelo interlocutor, porém, isto não garantido, nem se pode garantir. Desta forma, exibir um panorama da presença de canais no Youtube de atrizes pornô, e seus discursos, não significa que os inscritos de cada canal compreenderão cada proposta. Não significa que as demandas presentes em cada exposição por parte das atrizes e ex-atrizes serão acatadas. Não significa, também, que cada uma das atrizes e ex-atrizes conseguirá colocar suas opiniões, suas ideias, suas crenças e indagações em pauta e ser de fato reconhecidas por isso. Por isso a necessidade de atestar este esquecimento, e ressaltar a existência de sujeitos falantes, de falas, de discursos, e, de mulheres que falam.

O objetivo deste trabalho foi de investigar aquilo que o pornô, mediante suas atrizes e ex-atrizes, fala; no entanto, nada garante que o que o pornô tem a dizer seja de fato escutado, como não foi por muito tempo. Assim, a atenção deste trabalho a uma estrutura traiçoeira da linguagem não diz respeito, de modo alguém, a menosprezar as atividades enunciativas, mas sim de constituir um esforço de ressaltar o que foi dito, e manter as falas em pauta para além do (des) entendimentos possíveis. Como visto até então, o pornô tem muito a dizer, e, mais ainda, contribuir para inúmeras outras discussões no espaço público (que não somente o próprio pornô).

O sexo, a sexualidade, viagens, BDSM, o trabalho sexual, a maternidade, vídeo-games, educação, entre tantas outras pautas, podem ser enriquecidas com contribuições inusitadas destas mulheres e tantas outras. Conclui-se que existe “um pornô que fala”, e que, sendo um fenômeno comunicacional novo, pode configurar mudanças de inúmeras ordens, não somente no Youtube ou no pornô. Assim, torna-se necessário uma maior atenção, uma maior curiosidade, um maior debate. Portanto, é do entendimento deste trabalho que um panorama sobre “um pornô que fala” é apenas um primeiro passo, que necessita de presença de acadêmicos,

profissionais do ramo, consumidores, e de outras comunidades, para melhor discutir e, mais ainda, escutar.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo expor um panorama sobre os discursos veiculados em canais de Youtube de atrizes, e ex-atrizes, do pornô. Buscou-se investigar o que o pornô, mediante as atrizes, “fala”. O que se acompanhou até aqui foi à análise de cinco canais mediante, de modo mais específico, cinco vídeos. Para esta empreitada, foi demandado uma forma de escuta específica, um rigor filosófico e uma curiosidade acadêmica. No entanto, o trabalho em si já foi se desenhando, ou já estava desenhado, através de diversos ensejos e coincidências simpáticas: O primeiro deles diz respeito às referências acumuladas, o segundo diz respeito à contingência de se deparar com um fenômeno novo, e o terceiro diz respeito à possibilidade de materializar pensamento em escrita. Juntos, chega-se ao presente trabalho que reflete, como todos os trabalhos acadêmicos, a (im) possibilidade de produzir conhecimento a despeito dos intemperes esperados.

O primeiro caminho percorrido até aqui foi de uma passagem pela pornografia. Isto lançou mão de uma exposição da história da pornografia em suas diversas formas, bem como uma consideração filosófica sobre a (im) possibilidade de definição dela. Foi necessário também debruçar sobre a ausência, por muito tempo, de uma maior atenção à pornografia enquanto objeto de estudo dentro da academia, seja como objeto da comunicação social, crítica literária, psicanálise, filosofia ou dos estudos culturais. Finalmente, foi constatado aquilo que configura um novo fenômeno comunicacional através do recorte, e do resgate histórico recente, da presença dos atores e atrizes pornô na plataforma Youtube.

Na sequência do percurso foi elucidado, na medida do possível, o arcabouço teórico que norteia este trabalho e que se mostra presente tanto explicitamente quanto implicitamente do começo ao fim. O contexto da Escola Francesa de Análise de Discurso, bem como uma breve linha da história das ideias que marcam a formação desta escola, foi essencial neste quesito, uma vez que a metodologia consistia em mobilização de conceitos e resgates teóricos. Na sequência, foram expostos os conceitos basilares da análise de discurso, tais como o de discurso, sujeito e ideologia com vistas a reconhecer o dispositivo de interpretação presente que se formou a partir deles. A relação entre a análise de discurso e a comunicação foi considerada neste trabalho, e ofereceu uma visão particular do contexto brasileiro de pesquisas de comunicação, que porventura, é herdeira de muitos ensinamentos e



trocas com a escola Francesa. Por fim, reiterou-se a presença de uma visão oriunda da psicanálise e que, a despeito de uma contribuição direta a uma interface comunicação-psicanálise, mesmo assim contorna as limitações de uma teoria da comunicação para efetuar uma escuta analítica e contribuir para o todo, seja conscientemente ou não.

Constataram-se as ressalvas metodológicas, e como elas dizem respeito às considerações pré-analíticas, mais do que nas análises em si. Buscou-se mostrar aquilo que estava presente antes de se efetuar as análises de discurso em canais do Youtube de Atrizes pornô, e, nesse processo, resguardar a atenção devida à justificação dos processos implementados, e na exposição dos produtos das análises.

As análises foram divididas entre cinco canais, cada um buscando explicitar um pouco da proposta visada, para depois se efetuar, extensivamente, a análise de um vídeo específico de cada canal. Neste movimento, buscou-se revelar o corpus que foi proposto analisar, e se buscou constelar aquilo que seria recorrente e intrínseco a um canal. Assim, apesar de existir uma forma de descrição que remete às características psicanalíticas, sociais ou antropológicas no panorama constituído, a rigor, atentou-se a um fenômeno comunicacional novo.

Deste modo, os canais da Clara Aguilar, QG da Dread, Mel Fire e Emme White lançam mão de muitas pautas comuns, muitas formas de vídeos comuns, e participações comuns. Todos estes canais contam com vídeos sobre sexo, com um discurso de sexóloga presente, com vídeos sobre relatos, com vídeos que dizem respeito à plataforma Youtube (como os vídeos de pergunta e resposta) e vídeos de bastidores do mundo da pornografia.

O canal Barbaridade Nerd se choca com os outros por ser o único canal com uma ex-atriz pornô. O foco do canal é o entretenimento e a cultural nerd, e, por isso, destoa dos outros canais. No plano discursivo, é com o canal Barbaridade Nerd que se constata uma primeira divergência. Os discursos críticos à pornografia, presente ao se propor um pornô diferente, e o discurso anti-pornográfico divergem. Assim, o canal de Vanessa Danieli se mostra o único que se dispõe em oposição aos outros, mas que mesmo assim contribui na criação de um panorama por explicitar detalhes e efeitos que outros canais, porventura, não constata.

O único discurso que se mostrou presente em todos os canais foi o discurso feminista. Independente de se concordar ou não no que tange a legitimidade da

existência do pornô, o feminismo e o discurso feminista é constatado em todos os canais analisados.

A partir da presença do feminismo, e da alusão a um pornô feminista, se demonstra uma tendência presente no mercado pornográfico Brasileiro, e de certo modo no mundo todo, de produções alternativas que visam implementar outras narrativas, considerar outros olhares, incluir públicos diferentes e re-imaginar a pornografia. Este novo pornô é ressaltado e discutido nos canais Clara Aguilar, QG da Dread, Mel Fire e Emme White.

Por fim, a constatação das recorrências de um canal a outro, e as ausências dentro dos canais, se deu mediante uma explanação dos discursos presentes nas análises e através de uma comparação dos achados. Neste sentido, viu-se ao final, uma repetição daquilo que estava presente nas análises, além de expor uma possível linearidade presente na condução da investigação. Ressalta-se que o objetivo até então foi de expor discursos, e apresentar um panorama, um cenário, de um fenômeno novo. Este panorama, por sua vez, visa contribuir para uma maior discussão e ampliação das discussões referentes ao tema da pornografia.

Ao longo trabalho, da titulação à consideração final, buscou-se ater aquilo que o pornô fala. Buscou-se responder “o que diz o pornô?”. Entre as demonstrações de presença de sujeitos que versam sobre inúmeros assuntos, chegou-se a uma exposição de “um pornô que fala” para além do pornô, para além de um contexto específico, e que proclama o direito de dizer. No entanto, o que se constata é que, por uma miríade de razões, aquilo que foi dito, que está sendo dito, e que poderá ser dito, muitas vezes é relegado a espaços específicos, e com atenção no mínimo limitada. “Um pornô que fala” é um fenômeno novo, e configura inúmeras possibilidades de mudança, no entanto, as dificuldades de escuta são um obstáculo recorrente e antigo.

A separação entre os sujeitos que produzem o pornô e o pornô em si é rigidamente delimitada e reiterada. Isto se dá, em parte, devido ao fato do pornô, este “objeto de divertimento que tem como finalidade a masturbação”, ser consumido mediante uma redução dos sujeitos a corpos configurados no imaginário, na fantasia. No entanto, para além do consumo, aquilo que por muito tempo limitou o entendimento da existência de sujeitos por trás da produção do pornô foi, na verdade, a falta de meios para estes se expressarem, e a falta de outros formatos através dos quais poderiam ser vistos. Ao ter uma plataforma para mediar o

consumo daquilo que se produz, bem como abordar uma miríade de assuntos de interesse pessoal, estas atrizes pornô proclamam uma posição de sujeito falante, e, possivelmente, complexificam a discussão sobre o pornô no espaço público. Assim, o seguinte trabalho, e aquele que o conduz, reconhece o privilégio de poder chegar a um fenômeno comunicacional novo, e poder finalmente dispor de uma escuta e atenção maior. Mais ainda, reconhece-se a necessidade de se continuar este trabalho e mapear os desdobramentos de “um pornô que fala”, suas possibilidades de mudança, na educação sexual, nos entendimentos de sexo e sexualidade, bem como na própria pornografia.

Finalmente, constata-se também que, mediante um encontro entre rigor filosófico e escuta analítica, o caminho percorrido neste trabalho é repleto de contradições imanentes ao processo. Uma destas contradições diz respeito ao desejo de se esgotar um material discursivo, de se interpretar tudo o que é possível, mas, ao mesmo tempo, desejar que isto de fato não seja possível, para que mais análises possam ser feitas, e assim se mantenha uma estrutura de indagação filosófica, que nunca se consolida, que nunca tem fim.

O trabalho acadêmico é muitas vezes visto como uma bricolagem, um amontoado de citações e referências que, mediante uma validação institucional, oferece aquilo que comumente chamamos de conhecimento. No entanto, não limitado a isso, o seguinte trabalho espera ter conseguido oferecer uma bricolagem de discursos até então não expostos, e porventura ter contribuído, e poder contribuir mais no futuro, para uma discussão mais ampla no espaço público a respeito do tema da pornografia e as suas adjacências.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Nuno Cesar. O Olhar Pornô. São Paulo: Alameda, 2012.
- ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992.
- ATTIMONELLI, C e SUSCA, V. Pornocultura, Viagem ao fundo da Carne. Porto Alegre: Editora Sulina, 2017.
- BADIOU, Alain. The Pornographic Age. London: Bloomsbury Academic, 2020.
- BENVENISTE, Émile. Últimas aulas no Collège de France. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- BRAGA, José Luiz. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. In: COMPÓS, 2004, BELO HORIZONTE. GT Epistemologia da Comunicação, 2004.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Enunciação e Construção de Sentido. In: FIGARO, Roseli (Org). Comunicação e Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2012.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à Análise do Discurso. Campinas: Editora Unicamp, 2004.
- BURGESS, Jean e GREEN, Joshua. Youtube and Participatory Culture. Cambridge: Polity Press, 2009.
- DOPP, Hans-Jurgen. Erotic Art. New York: Parkstone Press USA, 2019.
- DUFOUR, Dany-Robert. A Cidade Perversa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- FIGARO, Roseli (Org). Comunicação e Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2012.
- FRANÇA, Vera Veiga. O Objeto E A Pesquisa Em Comunicação: Uma Abordagem Relacional. Pesquisa Em Comunicação Metodologias e Práticas Acadêmicas, Porto Alegre, 2016. *E-book*.
- FREITAS, Jeanne Marie Machado de. Comunicação e psicanálise. São Paulo: Escuta, 1992.
- FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. The Order Of Things. London: Routledge, 2005.
- FREUD, Sigmund. Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia ("O Caso Schreber"), Artigos Sobre Técnica e Outros

Textos (1911-1913). Obras Completas Volume 10. São Paulo: Companhia Das Letras, 2017.

GADET, Françoise e HAK, Tony (Org.). Por uma Análise Automática do Discurso. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

GERACE, Rodrigo. Cinema Explícito, Representações Cinematográficas do Sexo. São Paulo: Perspectiva, Edições Sesc São Paulo, 2015.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. In: Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HESTER, Helen. Beyond Explicit. Pornography and the Displacement of Sex. New York: SUNY press, 2014.

JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph, 2009.

MARCUSE, Herbert. One Dimensional Man. London: Routlndge, 2007.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Métodos de pesquisa em comunicação: Projetos, ideias, práticas. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Teoria da Comunicação. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

MCLUHAN, Marshall e FIORE, Quentin. The Medium Is The Message. Corte Madera: Ginko Press, 2001.

MCLUHAN, Marshall. Understanding Media: The Extensions of Man. Cambridge: MIT Press, 1994.

MEZAN, R. Arte e sexualidade: A propósito da exposição de Mapplethorpe. In: Tempo de Muda, Ensaios de Psicanálise. São Paulo: Companhia Das Letras, 1998.

PAVÓN-CUÉLLAR, David. Análise Lacaniana de Discurso: Entre A Psicologia Crítica e o Impaciente Anseio do Acontecimento. In: LARA JÚNIOR, N., Dunker, C. I. L., e Pavón-Cuéllar, D. (Orgs.). Análise lacaniana de discurso: subversão e pesquisa crítica. Curitiba: Appris, 2019.

ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes Editoras, 1999.

OKIN, Susan Moller. Gênero, O Público e o Privado. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 2008.

PÊCHEUX, Michel. Análise de Discurso. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso, Campinas: Unicamp, 2009.

SADE, Marquis de. Os 120 dias de Sodoma. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand De. Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix, 2018.

SONTAG, Susan. A Vontade Radical. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.